



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**O CONCEITO DE CRIATIVIDADE PARA O PROFESSOR NO
CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA**

ROBERTT CARDOSO DE SOUSA

ORIENTADORA: FERNANDA RODRIGUES DA SILVA

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPS



ROBERTT CARDOSO DE SOUSA

O CONCEITO DE CRIATIVIDADE PARA O PROFESSOR NO CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da
Faculdade UAB/UNB - Pólo de Formosa. Orientadora:
Professora Fernanda Rodrigues da Silva

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ROBERTT CARDOSO DE SOUSA

O CONCEITO DE CRIATIVIDADE PARA O PROFESSOR NO CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

FERNANDA RODRIGUES DA SILVA (orientadora)

Dra. FATIMA ALI ABDALAH ABDEL CADER NASCIMENTO (examinadora)

ROBERTT CARDOSO DE SOUSA (aluno)

BRASÍLIA/2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por tudo. Sem Ele, nada seria possível.

À minha querida esposa pelo apoio incondicional em todas as etapas do meu desenvolvimento.

À minha orientadora Fernanda Rodrigues da Silva, por ter assumido comigo esse grande compromisso. Pela dedicação e incentivo constante na construção deste trabalho e do meu crescimento.

À Igreja Batista de Vila Nova, por todo o apoio e orações. Pela forma que tem acreditado e investido na minha vocação e profissão.

Às minhas queridas irmãs pelo incentivo diário em todos os aspectos da minha vida.

Ao amigo Joaquim Nogueiras que em momentos diversos, esteve presente incentivando a busca dos meus ideais e a realização dos meus projetos.

À amiga Silvana pelo incentivo ao meu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal.

Aos tutores presenciais da pós-graduação, que contribuíram para a construção da minha trajetória acadêmica.

Aos colegas da pós, pela troca de conhecimentos e incentivos.

DEDICATÓRIA

*A Deus, o Senhor e Criador.
À minha linda esposa Adriana.
À minha irmã Jelma Mota.
Ao amigo Joaquim Nogueira.*

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre o conceito de criatividade, a partir da perspectiva do professor, no contexto da escola inclusiva. Fundamentou-se na abordagem qualitativa, tendo como instrumento principal o uso de entrevista semi-estruturada. Participaram deste estudo uma professora regente e 29 alunos de uma das turmas da 1ª série do ensino fundamental de uma escola pública da região administrativa de Planaltina/DF. Nesta pesquisa, o professor é visto como sujeito ativo, co-responsável pelo desenvolvimento e aprendizagem do aluno. O estudo demonstrou que o conceito de criatividade, para a professora, está relacionado à produção de algo diferente, intermediado especialmente pela expressão artística. Para o professor, ela tem relação com o desenvolvimento de atividades capazes de estimular no aluno na sua capacidade para criar. Além disso, verificou-se, que é possível desenvolver a criatividade nos contextos de inclusão, desde que as ações pedagógicas sejam direcionadas para a produção de novidades no ensino e que possibilitem a expressão criativa do aluno. Desta forma, acredita-se, que a ação do professor é essencial no desenvolvimento da criatividade, pois este é o elo entre o processo de construção do conhecimento e o aluno. Entretanto, verificou-se, também, que os processos de aprendizagem e de desenvolvimento não dependem apenas da ação docente. A prática pedagógica envolve um esforço conjunto de toda a escola, da família e das políticas pedagógicas até o momento instituídas.

Palavras Chaves: criatividade; educação inclusiva; mediação.

SUMÁRIO

RESUMO

APRESENTAÇÃO.....	09
I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1 Algumas reflexões sobre a criatividade no contexto escolar.....	12
1.1.1 A aprendizagem criativa na escola.....	15
1.1.2 O perfil do professor criativo.....	16
1.2 A relação professor-aluno e o papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem.....	18
1.2.1 A interação professor aluno no processo de construção do conhecimento.....	19
1.3 A criatividade no processo de inclusão.....	21
1.3.1 O desafio da criatividade no contexto da escola inclusiva.....	24
II – OBJETIVOS.....	27
III – METODOLOGIA.....	28
3.1 – Fundamentos Metodológicos.....	28
3.2 – Contexto Investigado.....	28
3.3 – Participantes.....	29
3.4 – Procedimentos de construção de informações.....	29
a) <i>Contatos iniciais.....</i>	29
b) <i>Observação.....</i>	30
c) <i>Entrevista.....</i>	30
3.5 – Instrumentos, técnicas e materiais utilizados.....	31
a) <i>Gravações em áudio.....</i>	31
b) <i>Material didático utilizado nas sessões.....</i>	32
3.6 – Procedimentos de análise de dados.....	32
a) <i>Procedimentos de transcrição.....</i>	32
b) <i>Procedimentos de análise dos dados.....</i>	32
c) <i>Análise propriamente dita das sessões.....</i>	33
IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
4.1 – Narrativas sobre o conceito de criatividade e o seu papel no contexto da escola inclusiva....	37

4.2 – Narrativas sobre a avaliação da professora em relação à caracterização da aula criativa.....	41
4.3 – Narrativas relativas às condições que favorecem a criatividade na escola.....	44
4.4 – Narrativas sobre o processo de inclusão escolar.....	48
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
VI – REFERÊNCIAS.....	54
VII – APÊNDICES.....	57
A – Observação de Campo.....	57
B – Roteiro da Entrevista com a Professora Regente.....	59
C – Transcrição Literal da Entrevista.....	60
VIII – ANEXOS.....	66
A – Termo de Autorização da Secretaria de Educação do Distrito Federal.....	66
B – Carta de Apresentação para Realização da Pesquisa – Escola.....	67
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor.....	69

APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como objetivo investigar o conceito de criatividade a partir da perspectiva do professor, no contexto da escola inclusiva. Espera-se compreender como ele percebe as nuances desse conceito e que papel atribui a sua função, enquanto mediador dos processos de ensino-aprendizagem. O estudo foi realizado com crianças do 1º ano do ensino fundamental, com faixa etária entre oito e dez anos de idade, em uma Instituição Pública do Distrito Federal, composta por 590 alunos. O autor desta pesquisa é psicólogo e tem atuado no contexto da educação desde 2009, especialmente em escolas técnicas do Distrito Federal. A motivação pela pesquisa e pelo tema se deu em razão do contato do pesquisador com pessoas com necessidades educacionais especiais nas turmas nas quais lecionou.

A escola escolhida para o desenvolvimento deste estudo é uma escola inclusiva, situada em Planaltina-DF e pertence à Secretaria de Educação. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de maior compreensão quanto ao entendimento do docente acerca do conceito de criatividade e sobre a sua compreensão em relação às estratégias que possam favorecer o desenvolvimento da criatividade em seus alunos, especialmente aqueles que apresentam algum tipo de necessidade educacional diferenciada.

A motivação pela presente investigação deve-se ao fato de que a educação inclusiva tem se tornado um grande desafio para o processo educacional atual. Diversos estudiosos salientam a necessidade tanto de políticas públicas de incentivo e capacitação aos profissionais que já atuam na área de inclusão, quanto de profissionais que invistam em alternativas criativas para atuar com os alunos incluídos, possibilitando múltiplas possibilidades de aprendizagem.

De modo geral, a inclusão é um movimento que nasceu da necessidade de se garantir a igualdade de oportunidade para todos, o que não é diferente nos contextos educacionais. Hoje é defendida nos parâmetros curriculares nacionais como uma proposta de educação que garante o acesso ao ensino pessoas que tem algum tipo de necessidade especial. Estas devem estar incluídas nas classes regulares e a terem o seu potencial de aprendizagem estimulado. Dessa forma, verifica-se que a proposta da educação inclusiva é proporcionar o acesso de todos os alunos em um mesmo contexto de ensino, respeitando-se as diferenças e peculiaridades de cada um.

Trata-se de um fenômeno complexo, uma vez que envolve tanto a compreensão do que propõe o movimento pela inclusão, quanto de aceitação das diferenças. Desse modo, pode-se dizer que a educação inclusiva tem se tornado bastante interessante e desafiadora. Ela tem,

inclusive, apresentado um discurso que parece contraditório, já que o termo inclusão passa pela idéia de exclusão, uma vez que só é possível incluir aquele que está de algum modo, excluído.

Os aspectos acima demonstram que incluir aqueles que estão excluídos é um desafio para o sistema educacional, e que é preciso romper as barreiras do preconceito e da discriminação para tornar efetiva a proposta defendida por este movimento.

A construção da educação inclusiva vem sendo desenhada ao longo da história, mas no século XVI médicos e pedagogos desafiando os paradigmas da educação de sua época acreditaram nas possibilidades de indivíduos que eram considerados incapazes terem acesso ao ambiente escolar regular e aprender, uma vez que eles defendiam o acesso a aprendizagem. A partir de então, o movimento pela inclusão foi percorrendo a história em busca de um olhar diferente de toda a sociedade, e começou a demandar ações de ordem política, e a incitar estudiosos a pesquisarem as suas especificidades.

Na sociedade brasileira, a inclusão escolar de crianças e jovens com desenvolvimento atípico vêm mobilizando intelectuais, estudiosos, pesquisadores e autoridades, despertando sentimentos, gerando dúvidas, certezas e debates, criando leis e portarias, evidenciando comportamentos preconceituosos, rótulos e relações marcadas pelo poder (COELHO, 1995). Esta luta tem se tornado uma bandeira mundial em busca dos direitos humanos. O objetivo é, sobretudo, possibilitar que todos tenham acesso à educação e o preconceito seja vencido.

Nesta luta pela inclusão de pessoas com necessidades especiais, considera-se um marco contra o preconceito a Declaração de Salamanca 1994, elaborada em uma reunião internacional de “Educação para Todos” na Espanha. A partir da Declaração citada, as políticas públicas passaram a se organizar em torno de ações e discussões voltadas para a inclusão dessas pessoas nas classes regulares de ensino.

Diante da demanda por estratégias de enfrentamento eficazes que favorecesse a educação inclusiva, a ação do professor se tornou uma ferramenta importante para a efetivação dessa proposta. Para tanto, tem se tornado fundamental o emprego de ações alternativas na interface ensino e aprendizagem. Desse modo, além do desafio de se incluir aqueles que foram excluídos ao longo da história, outro desafio se instala: o de despertar no aluno o interesse pelo processo de construção do conhecimento, situando-o como co-participante e incentivando o desenvolvimento de sua criatividade. Vale ressaltar que a experiência com alunos que precisam de atendimento pedagógico diferenciado tem demandado atitudes cada vez mais criativas, na intenção de adequar os temas propostos à necessidade apresentada por cada aluno. Aqui, entende-se que algumas estratégias utilizadas

pelo professor podem ser extremamente relevantes no processo de aprendizagem, uma vez que a sua ação em sala de aula tende a influenciar, de algum modo, o comportamento assumido pelo aluno.

Partindo dos aspectos citados acima, inicia-se este trabalho com o capítulo, de fundamentação teórica, o qual está dividido em três partes: na primeira, faz-se algumas reflexões sobre o conceito de criatividade e o seu papel no contexto escolar; na segunda, discute-se a relação professor-aluno e o papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem; Já na terceira parte, procura-se discutir os principais aspectos relativos à inclusão escolar, explorando-se os desafios de se favorecer o desenvolvimento da criatividade do aluno incluído.

O segundo capítulo apresenta a descrição dos objetivos. No terceiro capítulo é descrita a metodologia, com os passos necessários para a realização desta pesquisa. Já o quarto capítulo traz a discussão dos resultados, no qual são demonstrados e discutidos os dados constituintes da pesquisa e a título de considerações finais intenciona-se levantar as contribuições a que levaram este estudo e uma possível indicação para as práticas sociais.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo traz algumas reflexões sobre o conceito de criatividade e sobre o seu papel no contexto escolar, a partir de discussões relativas à sua caracterização, ao perfil do professor como mediador e como facilitador desse processo. Partindo de autores como Mitjáns Martínez, Alencar e Fleith, tenta-se, desenvolver um olhar contextualizado sobre as práticas pedagógicas atuais, no contexto da escola inclusiva. Desse modo, o objetivo deste trabalho é, sobretudo, investigar a significação dada pelo docente para o conceito citado, enfatizando-se o seu papel, enquanto mediador e possível colaborador do desenvolvimento da criatividade no aluno.

Para atender ao proposto, inicia-se o estudo trazendo algumas reflexões sobre a criatividade, discutindo-se, em seguida, sobre a relação professor-aluno e sobre o papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem; Por último, procura-se discutir sobre os principais aspectos relativos à inclusão escolar, explorando os desafios de se favorecer o potencial criativo do aluno incluído.

1.1 Algumas reflexões sobre a criatividade no contexto escolar

As discussões sobre a criatividade vêm ganhando destaque nos últimos anos. Ela tem sido considerada nas mais diversas áreas um dos aspectos essenciais para o desenvolvimento profissional e social do indivíduo, sendo muito valorizada no campo de construção do conhecimento e dos processos de trabalho. Atualmente é vista de forma sistêmica, visão na qual são considerados não somente os fatores constitutivos do indivíduo, mas o social, ambiental e psicológico (ALENCAR E FLEITH, 2003). Desse modo, a criatividade tem despertado interesse de muitos intelectuais, pesquisadores e estudiosos, no sentido de uma melhor compreensão sobre o assunto.

Autores como Alencar e Fleith (2003) afirmam que se trata de um tema que começou a despertar interesses nos temas de pesquisas a partir da década de 1950. Diante de sua importância para a educação e para o trabalho, a repercussão do papel da criatividade tem sido notável, sendo possível perceber algumas de suas características inclusive nos Parâmetros Curriculares da atualidade.

Para Mitjáns Martínez, (2001) falar e compreender sobre a criatividade é tarefa trabalhosa, pois se trata de algo complexo, que está relacionado à subjetividade humana, tanto

individual como coletiva, e que se expressa na condição de alguma novidade que o indivíduo realize. De acordo com a autora, não se pode afirmar que toda ação nova implica em criatividade. Desse modo, explicita a seguinte definição: “em síntese, a criatividade é um processo de descoberta ou produção de algo novo que cumpre exigências de uma determinada situação social, processo que, além disso, tem um caráter personológico” (MITJÁNS MARTINEZ, 1997, p. 54). Desta forma entende-se que a criatividade busca atender as necessidades sociais nas mais diversas áreas, a saber: educacional, profissional e social. Essa linha de reflexão parece fazer sentido, uma vez que o sujeito está inserido em um contexto com valores próprios, e certamente exigirá dele atitudes que reflitam esses valores.

Ainda segundo Mitjás Martínez (2003), “existem mais de 400 sentidos diferentes para o termo criatividade, além de uma grande variedade de palavras com significados aproximados, tais como *“produtividade, pensamento criativo, pensamento produtivo, originalidade, inventividade, descoberta e inteligência”* (p. 53). Pela diversidade de definições que apresenta, não há como chegar há um conceito absoluto, mas, conforme visto logo acima, pode-se afirmar que tais definições apontam para um denominador comum: o novo.

Gomes (2001), concordando com Mitjás Martínez (1997), salienta que o processo criativo favorece diversas possibilidades de o indivíduo encontrar alternativas para transformação, criação, desenvolver e concretizar pensamentos. Desta forma, pesquisadores de diversas áreas têm tentado entender como ocorre o processo criativo, chegando-se a conclusões preliminares de que ele se torna possível especialmente em contextos de interação.

De acordo com Castro (2007) conseguir encontrar uma definição única e universal para o fator criatividade é um desafio proposto para qualquer pessoa que deseja um conhecimento mais profundo sobre esse tema. Ela afirma que cada investigador a define da forma que julga mais relevante ou que coincida com seus interesses particulares. Esta forma de pensar se configura por este fenômeno estar ligado à subjetividade do indivíduo, uma vez que este, a partir de suas experiências, tem sua própria maneira de ver e interpretar o mundo.

Ao que se percebe a dificuldade por uma definição ocorre principalmente por que trata-se de um fenômeno que envolve aspectos subjetivos, e que depende do contexto social, cultural e individual nos quais a pessoa está situada. Os aspectos subjetivos apresentam particularidades que só a pessoa tem acesso, uma vez que são composições das experiências que cada indivíduo adquire, as quais estão presentes no seu imaginário.

A questão central envolvida na afirmação acima implica naquilo que Gonzáles Rey (2006) chamou de sentido subjetivo. Ele se expressa na produção humana e naquilo que o

indivíduo realiza, imprimindo um caráter simbólico dentro de sua realidade social, em um processo que não pára e que identifica os diferentes comportamentos presentes nas variadas atividades realizadas pelo homem. Isso implica dizer que o indivíduo é capaz de atribuir sentido e significado a todas suas experiências e atividades realizadas, a partir das experiências e daquilo que experimenta no meio social.

No desenvolvimento das atividades escolares, por exemplo, é possível perceber o sentido atribuído pelo aluno a determinados temas a partir das tarefas por ele executadas. Isso por que é nos contextos de ensino-aprendizagem que ele tem a oportunidade de fazer descobertas, de criar, de estabelecer relações e de inovar.

Nesse sentido, o contexto escolar e as práticas docentes precisam ser intencionadas para motivar e estimular o pensamento criativo do aluno, no sentido de proporcionar a ele a possibilidade de criar e inovar. Desse modo, aos poucos ele vai atribuindo sentido e significado às suas próprias invenções e comportamentos, originando assim novas possibilidades de relações e inovações em ações futuras.

Pensando dessa forma, a criatividade no processo de ensino e aprendizagem é fator preponderante para o desenvolvimento do sujeito, pois permite que ele desenvolva habilidades que podem ser úteis nas diversas situações que vivencia no dia-a-dia, na sala de aula e nas suas relações. Nesta direção, o importante não é estabelecer uma definição pronta e acabada para este conceito, mas reconhecer a sua importância e o seu papel no contexto social, educacional e profissional. Cabe ressaltar que o professor pode ser uma peça fundamental nesse cenário.

Nos Referenciais para Formação de Professores (BRASIL, 1999), e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) estão presentes algumas funções e obrigações do professor, ratificadas em termos legais. Tais documentos se dirigem aos professores como profissionais, cuja atividade influencia de forma determinante e marcante na formação da subjetividade dos educandos como pessoas e como cidadãos. Brasil (1997) salienta que em função dessa demanda, as relações entre conhecimento e trabalho exigem, a cada dia, a capacidade de iniciativa e inovação dos profissionais. Esse é um dos aspectos que tem motivado uma maior investigação para se compreender o fenômeno da criatividade em diferentes estudos.

Sendo assim, é importante ressaltar que o desenvolvimento da criatividade é essencial para o desenvolvimento do indivíduo como pessoa e como cidadão, pois este está inserido em um contexto que requer dele a cada dia mais habilidades e competência para exercer da melhor forma a função que ocupa, com criatividade e uma boa vivência social.

1.1.1 A aprendizagem criativa na escola

Pensar estratégias que reflitam a formação docente numa perspectiva de inovações e transformações demanda uma reflexão ampla sobre o que é ensinar e aprender. Há quem afirme que esse desafio faz com que se questione, inclusive, o que deve ser ensinado nas escolas.

Alguns pesquisadores dos processos criativos afirmam que a perspectiva da inovação perpassa pela preocupação de se planejar as aulas intencionando-se que sejam prospectivas, apontando saídas para o distanciamento das estruturas do ensino conteudista e de estratégias únicas em contextos nos quais o público é diverso. Outros, corroborando com o exposto acima, salientam que é necessário identificar opções que favoreçam alternativas apropriadas para romper com os processos tradicionais de ensinar e aprender, dando uma nova roupagem na maneira de ensinar (VEIGA; RESENDE E FONSECA, 2002).

Pensando na criatividade associada ao trabalho pedagógico, verifica-se que ela implica em formas de realização de atividades com algum tipo de novidade (MITJÁNS MARTINEZ, 2006). Segundo a autora é importante que o que está sendo considerado como novidade tenha algum significado para o desenvolvimento do aluno e para sua aprendizagem, e que favoreça o bem estar dele e do professor. Para que essas experiências se tornem concretas, a relação estabelecida entre professor e aluno é fundamental, uma vez que é através da interação entre ambos que surgem as novidades propostas (emanadas da subjetividade de cada um) e, ao mesmo tempo, são elas quem provavelmente nortearão novas formas de ensinar e de aprender (MITJÁNS MARTINEZ, 2006). Isto fortalece a tese de que o sucesso na construção do conhecimento e no processo de ensino aprendizagem perpassa pela efetiva interação entre professor e aluno no contexto educacional.

Em se tratando da criatividade nos processos de aprendizagem, verifica-se que ela ocorre quando há uma transformação personalizada dos conteúdos que precisam ser aprendidos, ou seja, o aluno é capaz de compreender e de colocar em prática o que está estudando (MITJÁNS MARTINEZ, 2006). Pode-se afirmar que ela representa o resultado concreto daquilo que o aluno consegue demonstrar que aprendeu.

Para Guimarães (2004), é neste processo que surgem os sentidos subjetivos individuais, os quais vão se originando dos contextos de aprendizagem criativa e, sendo expressos de variadas formas. Pode-se observar que a relação entre a criatividade com os processos subjetivos é que através deles pode-se revelar a subjetividade individual, ou seja, a maneira como cada pessoa internaliza, apreende e expressa as experiências vividas. Isso

implica dizer que cada indivíduo tem a sua própria maneira de ver o mundo, o que revela seu mundo subjetivo: o resultado das experiências de aprendizagem que teve e internalizou.

Partindo desses aspectos, acredita-se que a aprendizagem criativa deve ser incentivada e estimulada no contexto escolar pela significação que tem para o próprio processo de aprendizagem e para o desenvolvimento do aluno, pois através das relações entre sujeito e contexto o conhecimento vai sendo construído e reconstruído de modo dinâmico (MITJÁNS MARTINEZ, 2006). Nesta direção, o ensino criativo é uma estratégia pedagógica que possibilita o enriquecimento da aprendizagem com novas criações e significados novos que surgirão.

1.1.2 O perfil do professor criativo

Sobre o professor recai uma responsabilidade enorme no contexto escolar que é contribuir para o desenvolvimento integral (cognitivo, afetivo, relacional) de seus alunos e capacitá-los para as novas relações existentes entre conhecimento e trabalho. Segundo Brasil (1997) existe uma demanda cada vez maior para o desenvolvimento da capacidade de iniciativa e de inovação por parte dos indivíduos. Isso tende a exigir do professor, a necessidade de oportunizar ao aluno contextos nos quais ele possa desenvolver competências e habilidades, a fim de que seja capaz de se adequar a essas exigências.

Para atender a essas demandas, o professor tem sido convocado para desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam a criatividade dos alunos, nos diferentes espaços de aprendizagem oferecidos pela escola. Para alguns estudiosos, as atividades realizadas têm contemplado desde um modo alternativo de se elaborar um texto, quanto na utilização da arte e da música, permitindo ao aluno a liberdade para expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções. Vale ressaltar que a expressão da criatividade não se limita as atividades artísticas e musicais, mas esta está presente em todas as atividades que o indivíduo realize (ALENCAR E FLEITH, 2003). Isso reforça a idéia da escola disponibilizar atividades variadas para favorecer o desenvolvimento criativo do aluno.

Yelós (2002) defende a importância de a comunidade escolar incluir práticas criativas nas atividades cotidianas da escola, a fim de que o desenvolvimento do potencial criativo do aluno seja explorado e o processo educativo seja (re) significativo. Para ele, o professor pode atuar como um incentivador da expressão criativa do aluno. Esta visão é defendida por vários teóricos como Gomes e Martinez que apontam as ações pedagógicas criativas como fator estratégico no desenvolvimento do educando.

Autores como Alencar e Mitjans Martinez (1998) salientam que a expressao da criatividade no âmbito educacional está ligada ao nível de criatividade dos profissionais que estão exercendo práticas docentes. Referem-se  criatividade do professor quando apontam as suas possibilidades de produzir algo novo e valor ao seu trabalho profissional, principalmente no seu trabalho pedagógico. Para Mitjans Martinez (2006), a criatividade pode ser estimulada e o professor pode agir de modo intencional, desejando que ela aconteça ao estimular seus alunos.

Na perspectiva da autora, alguns elementos podem ser considerados como comuns às configuraes criativas presentes nos professores com elevado nível de criatividade conforme, a saber:

- Alto grau de desenvolvimento da motivaao para a profissão - a profissão  uma tendência orientadora da personalidade;
- Clara orientaçao de futuro na esfera profissional;
- Força da individualidade - a auto valorizaao como importante elemento dinâmico da expressão criativa;
- Orientaao muito ativa para a superaao profissional;
- Orientaao consciente pra a criaao (MITJANS MARTINEZ, 2006, p. 76).

Conforme se pode perceber acima, profissionais com as características citadas apresentam um diferencial na execuçao de suas atividades, podendo ser vistos como uma referência no contexto acadmico. No ambiente educacional, o professor que estimula a criatividade tende a favorecer ao educando maiores possibilidades de sucesso em sua trajetória profissional, com orientaçao para a criaao e motivaao para o exercício da profissão.

Ratificando a proposta de Mitjans Martinez (2006), Cropley (1997; 2006) enfatizam a importância de a escola empregar metodologias diversificadas, na intenco de proporcionar espaços favoráveis  criatividade, utilizando recursos criativos próprios para que o aluno possa desenvolver o seu potencial criativo.

Essas estratégias podem ser dinamizadas por meio de jogos, brincadeiras, danças e outros recursos pedagógicos que contribuam de algum modo, para este fim. Cropley (2006) afirma ainda que toda a escola precisa colaborar com a ao docente e com as práticas pedagógicas criativas, com aes cada vez mais eficazes no preparo do educador e do educando para as vivências da vida.

A perspectiva acima defendida  também salientada por Virgolim (1994). Segundo ela, essa maneira de perceber a educao tem apontado para a necessidade de a escola participar mais do processo de formao do aluno, preparando-o para lidar com os novos

desafios e com possíveis problemas do cotidiano. A autora salienta a necessidade de se saber lidar com os desafios do dia-a-dia da vida, ressaltando que este deveria ser o grande desafio da escola.

Dessa forma, entende-se que para tornar essa proposta efetiva, é necessário, fundamentalmente, que a escola seja mais que um ambiente de reprodução do conhecimento. É preciso reconhecê-la como um espaço de transformação social, no qual o potencial do aluno seja estimulado e a sua participação seja valorizada. Desse modo, o professor certamente encontrará um cenário mais adequado para atuar de modo criativo, podendo proporcionar novas aprendizagens e saberes, além de nutrir novas possibilidades relacionais.

1.2 A relação professor-aluno e o papel da mediação no processo de ensino-aprendizagem

As questões levantadas até o momento demonstram que no processo de construção do saber a interação estabelecida entre professor e aluno é imprescindível para que o processo de ensino aprendizagem aconteça. Espera-se que ambos compartilhem experiências e delas se originem espaços propícios ao estabelecimento de opiniões, reflexões e ações que possam desenvolver o aluno.

No contexto educacional, o professor é o elo no processo de ensino e aprendizagem do educando. A ele cabe inovar, mediar, propor e não impor. Nessa direção, o professor atuará como um facilitador, e a aprendizagem será mediada por meio da relação dialógica, com atitudes empáticas por parte do docente, buscando sempre ouvir e se colocar no lugar de quem está aprendendo. Mas, para conseguir estabelecer esse diálogo é necessário que o professor também se coloque na postura de alguém que pode aprender. Segundo Gadotti (1999), a postura do professor em sala de aula pode determinar o modo como a aprendizagem será dinamizada. Ele não deve se posicionar como detentor do saber, mas, deve reconhecer que mesmo uma pessoa que nunca frequentou uma escola carrega consigo um conhecimento importante: o da vida. A este tipo de conhecimento alguns autores chamam de currículo oculto e ao agir assim, o professor está demonstrando comprometimento, respeito e gesto amoroso com a aprendizagem do aluno.

Para Polity (1988), um professor que não consegue se relacionar amorosamente com seus alunos, ouvindo-os com paciência, sendo atencioso ao que estão dizendo e sendo incapaz de dirigir uma palavra de carinho, é questionável se ele os vê. Na perspectiva deste autor, a prática docente deve ir além da transmissão do conteúdo e o professor deve valorizar as

relações afetivas preocupando-se em promover o desenvolvimento e o protagonismo dos alunos no cenário de aprendizagem. Aqui, o professor analisa as várias possibilidades de construção do conhecimento junto com o aluno, eles caminham juntos e são motivados pelo desejo que possuem de aprender e ensinar.

Concordando com os autores acima, Freire (1992), salienta que, “é na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão” (p. 11), sendo, portanto, processos indissociáveis da relação afetiva. Para o autor, querer ensinar e o querer aprender envolvem sentimentos como a paixão e o desejo presentes tanto no educador quanto no educando. Aqui o professor é desafiado a despertar no aluno o desejo e a vontade de aprender e de construir seu próprio conhecimento.

Nesta perspectiva, entende-se, que para a aprendizagem ser efetiva (dentro daquilo que ela se propõe a realizar), ao professor não basta ter somente conhecimento do conteúdo programático. É necessário, sobretudo, ter flexibilidade diante das necessidades de seus alunos, respeitar as diferenças individuais, ministrar aulas dinâmicas de forma interativa e participativa e estabelecer ambientes propícios às manifestações de diferentes interesses, a partir das atividades realizadas.

1.2.1 A interação professor aluno no processo de construção do conhecimento

A construção do conhecimento é um processo dinâmico de inovações e parceria, entre aluno, professor, contexto educacional, político, social e familiar que muitos teóricos defendem. Nessa parceria a relação professor aluno é fator preponderante para alcançar êxito no processo de construção do saber. Nota-se que na medida em que professor e aluno se relacionam surgem novas idéias e novos significados, dando origem a novos hábitos e novos comportamentos (MITJÁNS MARTINEZ, 2006).

Estas relações serão permeadas pelas experiências que cada indivíduo traz e que irão formar novas maneiras de pensar e agir, as quais são emanadas do mundo subjetivo de cada um, dando significado às futuras experiências. Nestas relações é importante considerar a importância do diálogo, que se faz necessário para as reflexões e análises, as quais direcionam para novas maneiras de ensinar, aprender e construir o conhecimento.

Nesta perspectiva, Freire (1980), salienta que a reflexão e a ação permeadas por aqueles que dialogam favorecem a construção de um mundo que precisa ser transformado e

humanizado. Nesta missão, pode-se dizer que o professor dialogando com o aluno constroem juntos conhecimentos que irão direcionar nas suas práticas educacionais e sociais, e estas reflete os valores sociais.

De acordo com Abreu e Masetto (1990), a maneira como o professor realiza seu trabalho em sala de aula é justificada por uma determinada compreensão do papel de educador por ele internalizada, que por sua vez também reflete valores e padrões presentes na sociedade. Desse modo, ao professor é atribuído o compromisso de contextualizar para o educando valores e práticas sociais os quais serão demandados a ele em situações futuras. Por esta razão, suas aulas precisam despertar no educando a curiosidade, a atenção e o interesse. Freire (1996), pontua que:

“O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (p. 96).

Na visão de Freire (1996), um contexto de aprendizagem interessante consegue despertar no aluno o desejo de aprender. Para tanto, é necessário que o professor sintonize o pensamento do aluno com o seu pensamento e faça com que a aula se torne prazerosa. Não há dúvida de que essa tarefa seja trabalhosa e exige do mediador além de habilidade técnica, a habilidade interpessoal. Como salienta Cagliari (1999), ser mediador deve ser entendido como a capacidade do educador de se colocar entre o conhecimento e o aluno e nessa interface estabelecer um canal de comunicação entre as duas partes. Vygotsky (1998) chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que pode ser representada pela distância entre o nível de conhecimento real (o que o indivíduo consegue realizar sozinho) e a possibilidade de aprender, conhecer (através de um mediador).

Ainda segundo Vygotsky (2003), o mediador desempenha um papel fundamental e ativo no processo educacional, podendo desenvolver atitudes como: modelar, cortar, dividir e capturar os instrumentos do seu contexto para que estes realizem os objetivos desejados. Na perspectiva deste autor, a função do professor deve ser entendida como aquele que vai possibilitar os meios necessários para que o aluno aprenda, e para isso utilizará os recursos que lhe parecerem necessários para que esse processo se torne possível.

Sendo assim, as aulas poderão se tornar mais interessantes, prazerosas e desafiadoras, proporcionando uma maior participação do educando na sua aprendizagem. Aqui, a mediação é importante, mas o mediador precisa compreender seu real sentido.

Observando os aspectos acima descritos, verifica-se que há um grande desafio estabelecido ao docente: é preciso que ele prepare o ambiente para que o aluno sintase-se seguro, autoconfiante e valorizado, de modo que seja possível contar com a sua colaboração no processo de aprendizagem. Dessa forma, possivelmente haverá maior probabilidade de ele se expressar, questionar e colaborar. Talvez seja possível afirmar que a interação professor aluno na construção do conhecimento estar possibilitando aprendizagem, crescimento e amadurecimento.

1.3 A criatividade no processo de inclusão

Ao longo dos últimos anos, a inclusão transformou-se em um dos temas mais discutidos por estudiosos e pesquisadores, proporcionando o estabelecimento de políticas públicas e pedagógicas vigentes. Hoje se entende que o termo inclusão é amplo, engloba vários aspectos, que embora seja incluir aponta para sentidos e significados diferentes. Mas, o conceito de inclusão traz algumas nuances que lhe são específicas, como a interação e o compartilhar idéias, conforme salienta Mantoan (2003, p. 25) “é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”.

Coelho (1995) salienta que a maior relevância para o sentido da palavra inclusão está direcionada ao processo de inclusão escolar, a qual deve ser compreendida como sendo a educação de crianças e jovens com algum tipo de necessidade educacional especial nos contextos regulares de ensino. Percebe-se que o termo inclusão é amplo e que envolve outros aspectos, como a inclusão social, por exemplo, entretanto, o desafio que se faz aqui tem como foco a inclusão relacionada à necessidade educacional especial, a qual é uma proposta pedagógica que vem ganhando força no cenário educacional já algum tempo.

As bases históricas do movimento pela inclusão escolar tiveram seu apogeu nos Estados Unidos e pela força de sua cultura foi se difundindo pelo mundo através da capacidade influenciadora da mídia e de outros veículos de comunicação e divulgação (MENDES, 2006). A educação inclusiva tem despertado a atenção da sociedade e das políticas educacionais devido à demanda de alunos que precisam de maior apoio pedagógico e equidade de direitos. Aqui, entende-se que a educação inclusiva perpassa por ações onde os indivíduos possam ser reconhecidos e valorizados. Sartoretto (2009, p. 77), salienta que:

A inclusão só é possível lá onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiência aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades.

Diante destas especificidades, a educação inclusiva tem despertado interesse e desafiado a busca constantes de novas estratégias que possam subsidiar esse novo paradigma educacional e radicalizar a educação de crianças e jovens que necessitam de atendimento especial no contexto escolar (MENDES, 2006). Esse aspecto tem instigado as políticas pedagógicas existentes a promoverem portarias, decretos e leis no sentido de apontar uma solução que atenda a estas necessidades e valorizem as diferenças.

Desse modo, nota-se que o surgimento das políticas pedagógicas pela inclusão escolar demonstra preocupação das autoridades para com o processo educacional inclusivo, cujo objetivo é tratar todos sem distinção, conforme preconiza a Constituição Federal (1988). Leis, portarias e declarações fizeram parte desse processo. Elas são um marco na história da educação e certamente tem favorecido o processo de inclusão escolar. A Declaração de Salamanca (1994), por exemplo, com a proposta de “Educação para Todos” impulsionou as políticas educacionais a se organizarem no sentido de ações práticas para promoverem a inclusão escolar.

Nesta perspectiva, a proposta de uma educação inclusiva tem ganhado destaque no cenário educacional ao propor que os alunos com diferentes tipos de necessidades educacionais especiais sejam incluídos no mesmo contexto e nos processos de ensino aprendizagem que os alunos que não apresentam algum tipo de deficiência. Concordando com esse aspecto, Mendes (2006) explica que a educação inclusiva é a possibilidade de os alunos estarem juntos, como membros de uma classe comum, o que não tira a responsabilidade da escola, de que cada necessidade seja analisada e trabalhada de acordo com suas especificidades.

Segundo Brasil (2001), existem necessidades educacionais especiais que exigem da instituição de ensino uma variedade de recursos e suporte de caráter mais especializado, os quais proporcionem ao aluno ferramentas para ser incluído ao currículo. Segundo o artigo 5º que consta na Resolução nº 2, de setembro de 2001, são alunos com necessidades especiais os que durante o processo educacional apresentarem:

- I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:
 - a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
 - b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

- II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;
- III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

A afirmação acima indica que os alunos que apresenta algum desses tipos de especificidade devem ser acolhidos e terem as suas demandas atendidas por meio de estratégias que favoreçam o seu processo de aprendizagem. Com base nesses aspectos, nota-se que a educação inclusiva tem como ênfase principal proporcionar oportunidade de construção do conhecimento através de estratégias, de materiais e de instrumentos que possam viabilizar o desenvolvimento cognitivo, intelectual e social desses alunos sem distinção. Um dos principais aspectos defendidos pelo movimento pela inclusão refere-se à necessidade de se considerar as diferenças individuais e as particularidades de cada aluno, uma vez que cada indivíduo tem uma maneira única de se desenvolver e de aprender.

Dado o desafio proposto por este movimento, um questionamento que pode ser feito refere-se à possibilidade de se estimular a criatividade no contexto da inclusão. Será que isso é possível? Mitjans Martinez (2000) considera que uma aula criativa no contexto inclusivo é aquela que permite que um aluno com necessidades especiais consiga se desenvolver nas salas de ensino regular e alcance os mesmos objetivos educacionais estabelecidos para todos. Dessa forma, entende-se que o processo de ensino-aprendizagem precisa sofrer alterações, as quais sejam capazes de estimular o aluno a desenvolver habilidades e competências para as quais ele tenha potencial. Com base nesses desafios, certamente não haverá uma maneira única de se estimular a criatividade em sala de aula, mas possibilidades múltiplas.

Para compreender como se dá o estímulo à criatividade do aluno, independente de qual seja o contexto no qual ele aconteça, é necessário considerar o papel do professor como alguém capaz de mediar e de estimular o desenvolvimento, a partir de uma avaliação minuciosa das limitações apresentadas e do reconhecimento do potencial desse aluno. Agindo assim, as chances de ele encontrar espaço para estimular as suas produções e de incluí-lo nos processos de construção do conhecimento podem ser facilitadas. Isso implica dizer que o professor deve ter claros seus objetivos, o que quer alcançar, ou seja, dar sentido aquilo que está fazendo e trabalhar em parceria com o aluno. Para González Rey (2003), o professor precisa dar sentido àquilo que está pretendendo ensinar objetivando sempre a construção do saber junto com o aluno para não se tornar um mero repetidor de conteúdos e inibidor da criatividade.

Concordando com a perspectiva defendida por González Rey (2001), Alencar (2001) ressalta que o professor pode ser tanto um facilitador da criatividade e do desenvolvimento do aluno como um inibidor, independente do contexto no qual os processos de ensino-aprendizagem estejam sendo dinamizados ele agirá como facilitador quando agir de modo atento às necessidades apresentadas por seus alunos, estando aberto para novos recursos didáticos, novas estratégias e novas metodologias como seus auxiliares.

Os aspectos acima desenhados demonstram que o desenvolvimento da criatividade no processo de inclusão pode favorecer o trabalho do docente e da escola e do incluído. Sendo assim, a inclusão poderá acontecer permeada por ações pedagógicas criativas, no sentido de promover de forma eficaz o processo de ensino aprendizagem. Verifica-se, portanto, que a criatividade pode ser um elemento possível no processo de inclusão escolar, constituindo-se em mais um desafio para toda a escola.

1.3.1 O desafio da criatividade no contexto da escola inclusiva

Ao se pensar sobre uma escola inclusiva deve se levar em consideração as práticas executadas no contexto escolar, as quais visam o desenvolvimento do potencial de todos os alunos, independente do tipo de necessidade educacional especial por eles apresentadas. Essa proposta estabelece que a escola construa de forma coletiva alternativas para compreensão da diversidade humana, do respeito às diferenças individuais, do ensino, da aprendizagem e da construção do conhecimento. Conforme salienta Sartoretto (2009):

A escola inclusiva, que se preocupa em oferecer condições para que todos possam aprender, é aquela que busca construir no coletivo uma pedagogia que atenda todos os alunos e que compreenda a diversidade humana como um fator impulsionador de novas formas de organizar o ensino e compreender como se constroem as aprendizagens (p. 78).

Esta visão pedagógica leva em consideração as várias possibilidades de se construir o conhecimento, reconhecendo e respeitando o tempo de resposta que cada indivíduo apresenta, frente a uma determinada realidade. Aqui, se entende que as estratégias pedagógicas devem ser construídas em conjunto (escola, família, estado, sociedade), as quais vão subsidiar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, preparando-o não apenas para os desafios escolares, mas, para ser ativo e atuante no mundo.

Para Brasil (2008), a educação inclusiva está fundamentada nos direitos humanos, constituindo-se:

“em um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (p. 1)

Nesta concepção de escola, a inclusão escolar se propõe a respeitar a diversidade marcada pelas diferenças individuais e as diversas formas de expressão das singularidades, de modo que a complexidade humana não seja preterida, em detrimento das semelhanças, fruto de discursos massificadores. Segundo Machado (2009), “cabe ao professor disponibilizar o melhor do ensino, as mais variadas atividades, e cabe ao aluno a liberdade de escolher a tarefa que lhe interessa” (p. 70).

A afirmação acima pressupõe que o aluno tenha várias possibilidades de atividades, e que tenha a liberdade para escolher e para se desenvolver garantidas. Assim, a autora traz um novo enfoque de ensino e conceitua de democrático, como sendo “aquele que considera as diferenças de opiniões, de interesses, de necessidades, de ideais e de escolhas” (MACHADO, 2009, p. 70). Ao agir assim o professor estará dando a oportunidade do aluno realizar atividades, tendo estimulado o seu potencial para aprender. Este pensamento fundamenta as práticas pedagógicas de uma escola inclusiva conforme a autora citada, pois está acolhendo as várias formas de aprender e com isso favorecendo o sentimento de pertencimento da comunidade escolar pelo aluno.

Segundo Figueiredo (2009) a visão de uma cultura inclusiva faz emergir a possibilidade de se estabelecer no contexto escolar o desenvolvimento de ações acolhedoras e colaboradoras, onde todos se sintam pertencentes da mesma comunidade. Esta proposta pedagógica aponta para uma educação que respeita as diferenças, as diversidades culturais e as diferentes opiniões e, sua função é incluir a todos sem preconceito e sem discriminação. Segundo a autora para ser inclusiva, a escola deve:

Acolher todos os seus alunos, independente de suas condições sociais, emocionais, físicas, intelectuais, lingüísticas, entre outras. Ela deve ter como princípio básico desenvolver uma pedagogia capaz de educar e incluir todos aqueles com necessidades educacionais especiais e também os que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes, pois a inclusão não se aplica apenas aos alunos que apresentam algum tipo de deficiência (FIGUEIREDO, 2009, p. 143).

Desta forma a escola inclusiva não deve fazer acepção de alunos, mas se posicionar no enfrentamento as diferenças e o preconceito, se tornando um espaço de interação entre a diversidade, com ações acolhedoras e colaboradoras na busca pelo desenvolvimento de todos.

O contexto da sala de aula na qual há alunos com necessidades educacionais especiais, certamente demandará o estabelecimento de estratégias e de metodologias diferenciadas, as quais atendam às diferentes necessidades apresentadas por eles. Esse cenário pode configurar uma demanda por professores cada vez mais qualificados, de modo a atender as especificidades do público com o qual está trabalhando.

Nesta perspectiva de escola é importante ressaltar a relevância do ensino criativo para este contexto, pois pressupõe saberes direcionados e práticas que atendam as necessidades destes alunos nos seus contextos educacionais. Esta tarefa com certeza requer ações planejadas, as quais serão uma ferramenta pedagógica para enfrentar este desafio educacional, já que a criatividade pode proporcionar algo novo, que conduza ao alcance dos objetivos propostos, com ações criativas mediadas pela ação docente. De acordo com Magalhães (2003) o enfrentamento da inclusão escolar de forma criativa pode evitar que os alunos tenham prejuízos, evitando que sejam retidos pelo insucesso escolar.

É importante ressaltar que além das ações criativas impulsionadas pela escola e pela ação do professor no contexto da sala de aula, é fundamental que em uma escola inclusiva os alunos com necessidades educacionais recebam não só o apoio da escola e do professor, mas todo apoio extra escola, para que possam garantir uma educação eficaz (SANTOS, 2001). Nesta proposta todos devem se envolver no processo inclusivo, (família, escola, sociedade, estado), na busca de um objetivo comum que é o desenvolvimento do aluno e de sua aprendizagem.

Nesta perspectiva entende-se que a criatividade poderá subsidiar as práticas pedagógicas para um ensino de melhor qualidade, uma vez que demanda possibilidades de novidades no ensino e nas relações. Esse contexto é favorável tanto para o professor quando para o aluno a possibilidade de inovar, criar, pensar, interagir. Tudo que uma escolar inclusiva necessita para que possa encontrar caminhos cada vez menos difíceis para atender às diferentes necessidades individuais apresentadas.

II - OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo deste estudo é investigar o conceito de criatividade, a partir da perspectiva do docente, no contexto da escola inclusiva.

Objetivos específicos.

Refletir sobre o papel do professor como possível colaborador e facilitador da aprendizagem criativa do aluno, no contexto da inclusão.

III - METODOLOGIA

3.1 Fundamentos Metodológicos

Os fundamentos metodológicos deste estudo estão baseados na pesquisa qualitativa e seu conceito é apresentado de diversas formas no campo das ciências. Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa contempla em si um campo de descobertas. Na compreensão dos autores é uma atividade que posiciona o pesquisador no mundo e que está relacionada com a coleta de diversos materiais empíricos, os quais permitem análises interpretativas em relação ao que está sendo investigado. Isso implica dizer que o observador deve comparar os dados coletados, analisar e interpretar de forma sistemática e criteriosa.

Verifica-se que nesse modelo de pesquisa não há exigência da definição de hipóteses estabelecidas. Ela está em constante desenvolvimento e o conhecimento será construído na relação pesquisador – investigado. O desenvolvimento da pesquisa na abordagem qualitativa apresenta, geralmente, etapas bem específicas, que segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 32-37), podem ser estabelecidas em cinco fases, conforme, a saber: “o pesquisador (e o pesquisado); paradigmas interpretativos; as estratégias de investigação e os paradigmas interpretativos; métodos e coleta e de análises dos materiais empíricos; a arte e a política da interpretação e avaliação”. Esse delineamento tende a facilitar o processo de estruturação, a investigação da pesquisa e orienta o pesquisador.

A utilização da abordagem qualitativa neste estudo possibilitou o levantamento de dados e de importantes informações para fundamentar a pesquisa. Além disso, favoreceu a interação entre pesquisador e pesquisado, possibilitando um contexto investigativo participativo e interativo, tornando-se um excelente instrumento para as pesquisas educacionais, uma vez que considera a relação, a história e o contexto.

3.2 Contexto Investigado

A escola na qual foi realizada esta pesquisa é inclusiva e pertence à rede pública da Secretaria de Educação do Distrito Federal, situada em Planaltina. Atende a demanda de matrículas de alunos entre oito e dez anos e funciona nos turnos matutino e vespertino. Segundo a coordenadora, a escola tem em seu quadro atual 22 professores regentes, nove em regime de contrato temporário, duas coordenadoras, duas professoras de sala de recursos, uma

bibliotecária e uma pedagoga, além de assistentes administrativos e pedagógicos. A escola tem um quantitativo de 590 alunos. Desse total, 28 alunos são incluídos por apresentarem algum tipo de necessidade educacional especial.

A parte física conta com onze salas de aula, uma sala dos professores, uma sala de recursos, uma sala da direção, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala com computadores, uma cantina, um pátio com alguns bancos e duas mesas de Pebolim para recreação. A escola possui rampa de acesso para cadeirante, estacionamento para professores e para a comunidade, árvores e plantas em toda a área externa.

As necessidades educacionais especiais atendidas na escola são: os transtornos comportamentais, as doenças congênitas, a deficiência física e intelectual (epidermólise bolhosa, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, déficit intelectual, deficiente físico, os transtornos de condutas, deficiências múltiplas e distúrbios do processamento auditivo central). Os alunos têm reforço escolar com o professor regente no horário inverso e no caso dos alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade eles têm atendimento complementar no Centro de Ensino Especial e com a pedagoga da escola. No Centro de Ensino Especial é feita uma triagem e o Centro seleciona quem deve fazer o acompanhamento. Esta pesquisa foi realizada em uma sala que contém alunos com TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. De acordo com Silva (2009) este transtorno é caracterizado por dificuldades de concentração, energia excessiva e impulsividade.

3.3 Participantes

Participaram deste estudo 29 alunos de uma das turmas da 1ª série do ensino fundamental. Além disso, participou uma professora regente, a qual tem 24 anos de profissão. A professora é formada em pedagogia e história, e pós-graduada em psicopedagogia. Atua na referida escola há 24 anos e há quatro anos trabalha com crianças com necessidades educacionais especiais

3.4 Procedimentos de construção de informações

a) Contatos iniciais

A escolha da instituição para realização desta pesquisa se deu por ser uma escola inclusiva, e pelo parecer favorável ao seu desenvolvimento. O primeiro contato do

pesquisador ocorreu no dia 29/10/2010 com o vice diretor da escola. Nesta oportunidade, o pesquisador informou sobre o tema e os objetivos do estudo em questão.

Em um segundo momento, no dia 22/11/2010, o pesquisador retornou a escola para realizar um contato com diretora, a fim de esclarecer informações sobre a pesquisa e levar a autorização (ANEXO – A) da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Na ocasião foi entregue a Carta de Apresentação para Realização da Pesquisa (ANEXO – B) e no dia da entrevista foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO – C). A sessão de observação foi agendada para o dia 26/11/2010, às 8h, com uma professora regente.

b) Observação

A sessão de observação foi previamente agendada com a coordenação da escola, de modo que o pesquisador pôde se apresentar e explicar aos alunos o objetivo e a relevância da participação deles na pesquisa. Esta sessão teve duração aproximada de 120 minutos, iniciando-se às 8'15'' e terminando às 10'15'', a qual está transcrita na íntegra no (APÊNDICE – A), pois não seguiu um roteiro pré-estabelecido). Durante este período observou-se que os alunos haviam sido orientados, pela professora regente, a pintar figuras de personagens bíblicas. Esta atividade se deu pela proximidade com a festa natalina. O material entregue pela professora foi à folha A4, na qual havia miniaturas das personagens citadas, as quais poderiam ser pintadas com cores diversas. Durante a atividade percebeu-se que todos os alunos estavam empenhados na realização da tarefa, pintavam as figuras, interagiam entre eles, perguntavam a professora e tiravam suas dúvidas. A atividade foi interrompida para o intervalo e uma palestra que seria ministrada no pátio da escola.

Ao iniciar este estudo, não se definiu o papel que esta fase teria para o processo de análise. Mas, após a coleta de dados, observou-se que foi possível observar aspectos relativos à dinâmica das relações estabelecidas em sala de aula, especialmente no que se refere à relação da professora com os alunos com algum tipo de necessidade educacional especial. Sendo assim, enfatiza-se que a observação será utilizada como fonte complementar, a fim de favorecer o processo de análise de dados.

c) Entrevista

Ao se planejar este estudo, a entrevista foi o principal instrumento selecionado, tendo em vista o objetivo previamente desenhado e a sua relevância para coleta de dados e

construção desta pesquisa. A partir dela objetivou-se o conceito de criatividade para a professora, procurando-se refletir sobre o seu papel enquanto colaboradora e facilitadora do desenvolvimento da criatividade dos alunos, no contexto da escola inclusiva.

A entrevista realizada com a professora seguiu um roteiro pré-estabelecido de perguntas (APÊNDICE – B) e teve duração aproximada de 20 minutos. A sessão foi registrada por meio de gravação em áudio, a partir da qual foram gerados arquivos, a fim de produzirem dados para análise posterior, a mesma foi transcrita na íntegra (APÊNDICE – C, transcrição literal da entrevista). Segue a descrição da atividade realizada:

- Entrevista com a professora: esta fase foi realizada no dia 08/12/2010, em uma sala de aula que estava vazia. Estavam presentes, na ocasião, a professora regente, o pesquisador e outra professora que já estava presente na sala quando a entrevista foi realizada.

Segue o cronograma de realização das fases acima citadas:

Data da Sessão	Duração em Minutos	Tipo de Registro
26/11/2010	120 min	Observação em sala de aula
08/12/2010	20 min	Entrevista com a professora regente

Quadro 01: Cronograma da entrevista e da observação.

3.5 Instrumentos, técnicas e materiais utilizados

a) Gravações em áudio

A gravação em áudio foi realizada com uma máquina digital e refere-se apenas à entrevista realizada com a professora regente. Para orientar a identificação e guarda dos dados, foi registrada a data de realização da gravação e o tempo de duração. A gravação da entrevista teve duração total de aproximadamente 20 minutos. Esta fase da pesquisa teve como objetivo levantar dados que permitissem o conceito de criatividade, a partir da perspectiva do docente e refletir sobre o papel do professor como possível colaborador e facilitador da aprendizagem criativa do aluno, no contexto da inclusão. Os arquivos armazenados foram transferidos para um CD, tendo sido devidamente identificados.

b) Material didático utilizado nas sessões

Os materiais utilizados no estudo foram: uma câmara digital com áudio, folha A4, caneta, mesa e cadeira.

3.6 Procedimento de construção das informações

Esta etapa do trabalho teve como objetivo a construção dos dados da pesquisa, a fim de se transformar os dados obtidos em informações relevantes. Para tanto, envolveu a transcrição dos dados, a pré-análise e análise do material coletado.

a) Procedimentos de transcrição

Os dados produzidos neste estudo foram transcritos pelo pesquisador, por ordem cronológica de realização dos eventos, levando em consideração as anotações do diário de campo e a gravação em áudio, fruto da entrevista realizada. Considerando-se a entrevista como o principal objeto de análise deste trabalho, todas as narrativas foram ouvidas e transcritas. Levou-se em consideração as respostas dadas, além da reação da participante durante a coleta de dados. A transcrição do registro da gravação em áudio foi feita na íntegra, obedecendo-se a ordem em que foi gravada e teve duração aproximada de 6 horas.

b) Procedimentos de análise dos dados

Após a transcrição das narrativas colhidas através da entrevista foi possível perceber aspectos relevantes, tendo sido possível transformar as informações levantadas em dados relevantes. Sendo assim, optou-se por analisar o conteúdo da entrevista realizada, intencionando-se evidenciar o conceito de criatividade para a professora, a partir da sua experiência em classes inclusivas.

Ainda na fase de transcrição dos dados, verificou-se que algumas significações dadas aos temas “inclusão e criatividade” poderiam ser separados por eixos temáticos, com base nos principais aspectos levantados durante a entrevista realizada. Essas informações permitiram uma subdivisão, conforme a seguir: narrativas relativas ao conceito de inclusão, outras relativas ao conceito de criatividade, algumas relativas à avaliação da professora sobre a aula

criativa e, por último, narrativas relativas às condições que favorecem a criatividade no contexto da escola inclusiva.

c) Análise propriamente dita das sessões

O procedimento utilizado abaixo viabilizou a organização dos dados, e apresenta as principais significações relacionadas aos eixos criados:

Fragmentos da entrevista e da observação relativas ao conceito de criatividade.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: O que pode ser considerado como criatividade no contexto da inclusão?

Resposta: “*Tudo que a partir de um trabalho que você, que a gente propõe que ele vai realizando esse trabalho e vai realizando de forma criativa, enfim, de forma diferente usando todos os recursos de pintura, o que ele tiver em mãos ele vai executando essa atividade*”.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Você acha possível estimular a criatividade desses alunos?

Resposta: “*ah, acredito que sim, é até mais fácil, acho que é até um gancho, eles tem uma certa facilidade pra isso, eu acredito que é possível sim, é claro que uns precisam de mais incentivo, fazem as coisas de acordo com as deficiências que eles trazem, mas é tranquilo isso*”.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Que papel a aprendizagem criativa tem para o desenvolvimento do aluno?

Resposta: “*bom, na área de artes por exemplo, a impressão que dá, é que eles ficam mais centrados, acho que isso é o principal, eles ficam centrados. E como não é, por exemplo, pra escrever uma palavra, ela tem uma fórmula ortograficamente correta, ele tem que ta tentando alcançar isso, mas quando é em artes não, ele pode achar que uma coisa é difícil de um jeito e ele vai lançar mão de uma outra forma, igual no dia que você observou né, era com a ponta do lápis, eles começaram a rasgar o papelzinho, mas com a intenção de fazer também o trabalho*”.

Fragmentos da observação

Contexto: Foi lido um texto contando a história da igreja e do natal. Uma música foi colocada ao fundo (em volume baixo e em um ritmo suave).

Ao lê-lo (ler o texto), (a professora) utilizava as mãos para gesticular e demonstrar aspectos importantes da história. Ao longo da atividade foram feitos questionamentos aos alunos, na intenção de identificar se eles estavam acompanhando a atividade.

Fragmentos da observação

Contexto: Atividade de pintura. A professora explicou que cada aluno deveria usar a imaginação para pintar. Explicitou que cada um era livre para escolher a cor que desejasse.

Fragmentos da observação

Contexto: O aluno Caio e o aluno Paulo (diagnosticados com TDAH) recortaram pedaços pequenos de papel e colaram na figura. Ao vir o fato, a professora afirmou que eles estavam “pulando regra” e pediu que eles voltassem a fazer como ela havia ensinado. O aluno Filipe também utilizou a estratégia dos colegas e a professora disse-lhe: “Filipe,, Sempre problema. Cortando com a mão” – sic.

Fragmentos da entrevista e da observação relativas à avaliação da professora sobre a aula criativa.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Quais critérios definem uma aula criativa?

Resposta: “*ah, pra mim é uma aula alegre, uma aula com técnicas diferentes, mesmo que seja a questão de ler e escrever, mas você encaminha de um jeito diferente, conta história antes de encaminhar, às vezes são coisas muito simples*”.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: O que pode ser considerado como aula criativa no contexto da inclusão?

Resposta: “*olha, pra mim ela não diferencia da aula fora deste contexto, com os alunos que são tidos como normais, porque eu acredito numa coisa, se é inclusão ele tá sendo incluído pra ser tratado como normal, pra ter seu potencial que às vezes pode ser menor que dos outros, mas pra tê-lo desenvolvido como um todo, então eu não coloco assim, uma aula diferente pra os que são da inclusão, uma aula, outra aula pra os que são tidos como normais, eles desenvolvem as mesmas atividades, só que cada um dentro daquilo que eles conseguem*”.

Fragmentos da observação

Contexto: Atividade de Pintura. Durante o processo, procurou explicar que eles deveriam escolher cores nas revistas e recortar; colocar cola na parte desejada da figura; colocar a ponta do papel com a cor escolhida da revista sobre a figura; pressionar com a ponta do lápis e puxar o papel.

Fragmentos da observação

Contexto: Em alguns momentos a professora interrompeu a aula para falar com o aluno Caio, na intenção de pedir-lhe silêncio. Trata-se de um aluno com necessidade educacional especial, diagnosticado com TDAH.

Fragmentos da entrevista e da observação relativas às condições que favorecem a criatividade no contexto da escola inclusiva.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Você acredita que a criatividade pode ser estimulada?

Resposta: “*pode, com certeza. Um as pessoas já nascem com essa questão criativa mais aflorada, outras a gente vai fazendo formas e é claro que ela pode ser estimulada sim*”.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Nas suas aulas, a criança incluída tem a liberdade para escolher a tarefa que quer realizar?

Resposta: “*não é, não é, eu não entendo inclusão exatamente nisso, na criança vim pra cá e querer fazer o que ela quer, pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas, então pra mim a criança tem as atividades que são propostas, e são propostas pra todos*”.

Fragmentos da observação

Contexto: A interação entre eles (professor e aluno) foi muito positiva. Ao concluir a leitura do texto uma das alunas levantou-se, foi até a professora e pediu para contar uma história. Polyana contou a história de Maria (personagem bíblica), salientando como foi o seu encontro com o anjo e a conversa que tiveram quando ela foi escolhida para ser a mãe de Jesus. Em seguida, a professora parabenizou Polyana pela apresentação e informou que eles não teriam aula na semana seguinte.

Fragmentos da observação

Contexto: Durante a realização da atividade a professora movimentou-se em todas as mesas. Neste ínterim, uma aluna havia se levantado do seu lugar e foi orientada a voltar e se sentar. A professora disponibilizou uma única atividade para todos, não houve outras possibilidades de atividades para escolher.

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Que sugestões você daria aos outros professores para estimular a criatividade do aluno no contexto da escola inclusiva?

Resposta: “primeiro o professor tem que gostar, por que criatividade quer queira, quer não tá muito ligada à questão da arte, então, nos professores não somos diferentes, tem professor que é muito bom em matemática, tem outros que é muito bom em português, então o professor pra começar tem que gostar. Gostar e ser, ou ter desenvolvido isso ao longo da história, então eu acredito que o primeiro passo é gostar, como é que você vai contar história se você não gosta de história, então é gostar mesmo e tá buscando, além daquilo que nos foi dado na formação que nos temos, está buscando, inovando, buscando novas técnicas”.

Fragmentos da observação

Contexto: A atividade de pintura foi previamente orientada pela professora. A professora pediu para o aluno Paulo (nome fictício) ajudar a distribuir as figuras enquanto a aluna Adriana (nome fictício) ajudou a distribuir as revistas.

Fragmentos da entrevista e da observação relativas ao conceito de inclusão.**Fragmentos da entrevista**

Pergunta: O que você pensa sobre a inclusão escolar?

Resposta: “pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas.”

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Como você avalia a sua atuação no contexto da escola inclusiva?

Resposta: “eu tento tá trabalhando estas crianças que tem este déficit de alguma forma, e, tento ser melhor possível dentro daquilo que me é, que eu tenho como bagagem e a gente vai tentando, conhecer essa criança, conhecer o problema, como é que a gente vai agir em determinados problemas, conversando também com a família, conscientizando a família.”

Fragmentos da entrevista

Pergunta: Como você avalia a aprendizagem dos alunos incluídos?

Resposta: “depende do problema, nos temos alunos aqui que eles são incluídos, só que a parte pedagógica deles, muito boa, bem melhor do que os outros que não tem nenhum diagnóstico, então depende do problema, se é um déficit de atenção ele vai ser mais lento, tem uns que não rendem, nem mesmo com a questão, intervenção médica”.

Fragmentos da observação

Contexto: A atividade foi à mesma para todos. Os alunos incluídos estavam juntos com os demais alunos, não houve separação entre eles.

Eles (os alunos) foram envolvidos em um momento de pintura e, para tanto, receberam revistas, pincel para passar a cola e figuras de personagens da bíblia (Jesus, Maria, etc.).

Fragmentos da observação

Contexto: A professora havia orientado os alunos a realizarem uma atividade.

O aluno Caio, que havia se esquecido do seu documento acabou o encontrando, sendo advertido pela professora com a frase: “acorda Caio” - sic.

Fragmentos da observação

Contexto: Após ter explicado a atividade em todos os grupos a professora ficou próxima à porta, perto do pesquisador. Relatou que dos três alunos com TDAH, Filipe é o que tem apresentado maior dificuldade no processo de aprendizagem. Afirmou que ele iria progredir de série, mas com recomendação. Referiu que a mãe do aluno não aceita o problema e que quando a família não colabora fica mais difícil o acompanhamento. Segundo ela, o aluno Paulo tem demonstrado “evolução cognitiva” – sic, e o aluno Caio tem “melhorado o comportamento” - sic. Demonstrou acreditar que a medicação tem ajudado na evolução do tratamento dos alunos com TDAH.

Com base nos dados apresentados acima, será feita uma macro análise em torno das narrativas produzidas pela participante. Confrontando fragmentos da entrevista com extratos da observação e com o referencial teórico. Para averiguar o conceito de criatividade e de inclusão da professora na teoria e na prática pedagógica e o que os autores discorrem sobre esses temas.

IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objeto de análise deste estudo são as narrativas produzidas pela professora entrevistada, as quais serão apresentadas neste capítulo com alguns fragmentos da sessão de observação realizada na sala de aula em que estavam presentes os participantes da pesquisa. Do total de narrativas apresentadas durante a entrevista realizada serão selecionados alguns trechos, os quais melhor evidenciam o conceito de criatividade para a professora, a partir da sua experiência em classes inclusivas.

Houve também, neste estudo, o interesse de se analisar aspectos relativos ao contexto de observação, os quais demonstrassem de algum modo, consonâncias em relação às narrativas colhidas na entrevista. Considerando que o papel da observação não foi definido previamente, nem seguiu um roteiro pré-estabelecido, a sua utilização neste estudo terá função complementar, no sentido de favorecer a análise dos dados colhidos durante a entrevista realizada com a professora regente. Para viabilizar a análise dos dados, eles foram agrupados em forma de blocos, procurando-se demonstrar as relações estabelecidas entre as narrativas de cada eixo temático e os extratos de observação, que coadunam com as temáticas discutidas, conforme a seguir:

4.1 Narrativas sobre o conceito de criatividade e o seu papel no contexto da escola inclusiva

<p>Box 01</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> O que pode ser considerado como criatividade no contexto da inclusão?</p> <p><i>Resposta:</i> “<i>Tudo que a partir de um trabalho que você, que a gente propõe que ele vai realizando esse trabalho e vai realizando de forma criativa, enfim, de forma diferente usando todos os recursos de pintura, o que ele tiver em mãos ele vai executando essa atividade</i>”.</p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> Foi lido um texto contando a história da igreja e do natal. Uma música foi colocada ao fundo (em volume baixo e em um ritmo suave). Ao lê-lo (ler o texto), (a professora) utilizava as mãos para gesticular e demonstrar aspectos importantes da história. Ao longo da atividade foram feitos questionamentos aos alunos, na intenção de identificar se eles estavam acompanhando a atividade.</p>
<p>Box 02</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> Você acha possível estimular a criatividade desses alunos?</p> <p><i>Resposta:</i> “<i>ah, acredito que sim, é até mais fácil, acho que é até um gancho, eles tem uma certa facilidade pra isso, eu acredito que é possível sim, é claro que uns precisam de mais incentivo, fazem</i>”</p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> Atividade de pintura. A professora explicou que cada aluno deveria usar a imaginação para pintar. Explicitou que cada um era livre para escolher a cor que desejasse.</p>

<i>as coisas de acordo com as deficiências que eles trazem, mas é tranquilo isso”.</i>	
<p>Box 03</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta: Que papel a aprendizagem criativa tem para o desenvolvimento do aluno?</i></p> <p><i>Resposta: “bom, na área de artes por exemplo, a impressão que dá, é que eles ficam mais centrados, acho que isso é o principal, eles ficam centrados. E como não é, por exemplo, pra escrever uma palavra, ela tem uma fórmula ortograficamente correta, ele tem que ta tentando alcançar isso, mas quando é em artes não, ele pode achar que uma coisa é difícil de um jeito e ele vai lançar mão de uma outra forma, igual no dia que você observou né, era com a ponta do lápis, eles começaram a rasgar o papelzinho, mas com a intenção de fazer também o trabalho”.</i></p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto: O aluno Caio e o aluno Paulo (diagnosticados com TDAH) recortaram pedaços pequenos de papel e colaram na figura. Ao vir o fato, a professora afirmou que eles estavam “pulando regra” e pediu que eles voltassem a fazer como ela havia ensinado. O aluno Filipe também utilizou a estratégia dos colegas e a professora disse-lhe: “Filipe,, Sempre problema. Cortando com a mão” – sic</i></p>

Quadro 02: narrativas relativas ao conceito de criatividade

Box 01

No box 01, ao referir-se ao conceito de criatividade no contexto inclusivo, a professora afirma que é *“tudo que a partir de um trabalho (...), que a gente propõe (...), ele vai realizando (...), de forma criativa, enfim, de forma diferente usando todos os recursos de pintura, o que ele tiver em mãos ele vai executando essa atividade”*(p. 66) ou seja, tudo o que é realizado pelo aluno de forma criativa e diferente usando a pintura ou todos os recursos que ele tiver em mãos a partir daquilo que é proposto pelo professor. A esse respeito, Mitjans Martinez (1997) salienta que “em síntese, a criatividade é um processo de descoberta ou produção de algo novo que cumpre exigências de uma determinada situação social, processo que, além disso, tem um caráter personológico” (p. 54). Desta forma é possível perceber que tanto a professora quanto a autora apontam que a criatividade está relacionada à produção de novidades.

Nos extratos de observação nota-se que a professora utilizou alguns recursos como pintura, música, história contada. Isto pode ser identificado como recursos propiciadores da criatividade, uma vez que possibilita a expressão criativa do aluno. Neste sentido Yelós (2002) pontua que a comunidade escolar deve incluir práticas criativas nas atividades cotidianas a fim de que o desenvolvimento do potencial criativo do aluno seja explorado e que o processo educativo seja significativo. Verifica-se que os diversos recursos utilizados pela professora durante a atividade foram importantes para impulsionar a criatividade do aluno. González Rey (2003) salienta que é fundamental que o professor propicie um espaço que

possibilite ao aluno a condição de dar sentido a tudo aquilo que estar realizando. Na atividade proposta parece que os alunos conseguiram atribuir significado ao que estavam fazendo.

A aula ministrada pela docente evidencia que o conceito de criatividade tem relação com o desenvolvimento de atividades capazes de estimular no aluno a sua capacidade para criar. Isso pode ser observado na atividade de pintura, quando relata que cada aluno era livre, que poderia pintar como desejasse, usando a imaginação, (p.64). Para Mitjans Martinez (2006), a criatividade pode ser estimulada e o professor pode agir de modo intencional, desejando que ela aconteça ao estimular seus alunos. Embora alguns alunos não seguissem a orientação da forma que foram instruídos, isto revelou suas capacidades criativas de produção e criação do novo pela forma como conseguiram realizar suas atividades.

As informações acima demonstram que o conceito de criatividade refere-se à produção de algo diferente que o educador se propõe a fazer. Além disso, a professora afirma que ele está relacionado à arte e que o aluno desenvolve utilizando os diversos recursos disponíveis. O conceito apresentado corrobora com o de Cropley (1997; 2006) quando enfatiza a importância de a escola empregar metodologias diversificadas, utilizando recursos criativos próprios para que o aluno possa desenvolver o seu potencial criativo.

Um aspecto importante a ser considerado é quando a professora associa a criatividade a algo novo e diferente. Nesse sentido, sua narrativa coincide com o que propõe Mitjans Martinez (1997), mas quando a professora associa a criatividade somente à produção artística diverge de Fleith e Alencar (2003) quando estas autoras salientam que a criatividade está presente em todas as atividades que o indivíduo realize. Aqui podemos imaginar a pintura, a música, o teatro, o contar histórias e outras formas. Com base nessas autoras a criatividade vai além da arte e da música e pode ser desenvolvida em diversas atividades, conforme já citadas.

Box 02

De acordo com os registros apresentados na entrevista e nos extratos de observação no box 02, a professora parece perceber como sendo possível estimular a criatividade no contexto da inclusão. Este pensamento tem consonância com o pensamento de Mitjans Martinez (2006) quando a autora salienta a importância do professor desenvolver de forma consciente sua capacidade de criação. Ele vai à busca de alternativas que viabilizem o processo de inclusão, agindo de modo intencional através de sua ação pedagógica.

Além disso, observou-se o uso de vários recursos pela docente para estimular a criatividade. Parece que a educadora compreende que o uso de recursos como a pintura e a música podem impulsionar o desenvolver criativo do aluno. Desse modo, os dados

apresentados apontam que a docente tentou ser assertiva quanto à condução de uma aula criativa, pois empregou metodologias diversificadas como a música, a arte, a história que foi lida para atrair e motivar o aluno ao interesse pela atividade e a desenvolver sua capacidade criativa. Os dados aqui apresentados demonstram que o aluno deveria expressar sua subjetividade através da atividade, a qual pode ser expressa de formas variadas conforme (GUIMARÃES, 2004).

No extrato de observação, a professora explicou a atividade passando por todos os grupos reforçando as explicações e dizendo que eles eram livres para usar a imaginação no momento em que estavam realizando a atividade. Ao afirmar que “cada um é livre para usar sua imaginação”, a professora expressa aquilo que é defendido por Mitjans Martínez e Alencar (1998) quando enfatizam que a criatividade está ligada a produção de algo novo e que esta deve ser possibilitada pela ação docente. Quando a educadora oferece a possibilidade de seus alunos criarem, ela está mediando o processo criativo do aluno e motivando sua participação nas atividades. No entanto, a professora se contradiz quando o aluno realiza a atividade de modo diferente, a mesma salienta que eles estavam “pulando regra” e que deveriam fazer da forma com havia ensinado. Apesar da contradição, nota-se que, os alunos alcançaram resultados positivos com a realização da atividade.

Autores como Alencar e Mitjans Martínez (1998) salientam que a expressão da criatividade no âmbito educacional está ligada ao nível de criatividade dos profissionais que estão exercendo práticas docentes. No caso específico da docente citada, pôde-se perceber que sua aula foi criativa, mesmo com a contradição já citada, pois ela conseguiu estimular a criatividade de seus alunos através da metodologia que utilizou para os objetivos planejados.

Box 03

Ao analisar os dados da entrevista e dos extratos de observação no box 03 é possível perceber que a professora entende a função da criatividade como sendo facilitar no processo de ensino aprendizagem. Observa-se que, para ela, o aluno fica mais centrado na tarefa e na aula quando está diante de alguma atividade que o motiva. Autores como Mitjans Martínez (1997) salientam que a criatividade cumpre exigência de uma determinada situação social. Isso significa dizer que a ela é atribuída à função de efetivar novidades que atendam as exigências consideradas importantes para uma determinada sociedade e para o próprio indivíduo. Na sala de aula, por exemplo, a criatividade é importante na produtividade, na descoberta e inteligência.

Um aspecto importante observado na entrevista é que a criatividade oferece possibilidades para que o aluno possa inventar e criar seus próprios métodos. Mesmo diante da situação apresentada na sala em que os alunos começaram a manipular as regras, foi possível perceber a capacidade da expressão criativa do aluno no processo de elaboração da atividade. Para Gomes (2001), o processo criativo favorece diversas possibilidades de o indivíduo encontrar alternativas para transformação, criação, desenvolver e concretizar pensamentos. González Rey (2006), concordando com essa perspectiva, salienta que o sentido subjetivo se expressa na produção humana, ou seja, naquilo que o indivíduo realiza. Desse modo, ao observar os dados é possível perceber que a professora acredita que uma aula criativa pode propiciar o desenvolvimento do aluno, para isso o professor deve estar disponibilizando os recursos necessários e mediando o processo.

Outro aspecto que não pode ser desconsiderado está no modo como a docente repreendeu o aluno Filipe. Ao afirmar que ele é “sempre problema”, a professora incorreu no risco de constrangê-lo e de inibir o seu processo criativo. Alencar (2001) ressalta que o professor pode ser tanto um facilitador da criatividade e do desenvolvimento do aluno como um inibidor, independente do contexto no qual os processos de ensino-aprendizagem estejam sendo dinamizados. Já Sartoretto (2009) salienta que em uma escola inclusiva a pedagogia deve beneficiar a todos e que a diversidade humana deve ser compreendida e norteadora das novas maneiras de se planejar o ensino e a construção de novas aprendizagens. Isso implica dizer que na educação o processo de construção do saber é dinâmico, este precisa estar se adaptando as novas realidades apresentadas pela diversidade.

As narrativas colhidas na entrevista relativas a esse box demonstram que a docente entende a importância de se empregar metodologias diversificadas para conseguir alcançar os objetivos almejados, apesar de, em alguns momentos apresentar comportamentos pouco adequados em relação aos alunos incluídos. Para o emprego dessas metodologias utilizou diversos recursos, já citados.

4.2 Narrativas sobre a avaliação da professora em relação à caracterização da aula criativa.

<p>Box 04</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> Quais critérios definem uma aula criativa?</p> <p><i>Resposta:</i> “ah, pra mim é uma aula alegre, uma aula com técnicas diferentes, mesmo que seja a questão de ler e escrever, mas você encaminha de</p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> Atividade de Pintura. Durante o processo, procurou explicar que eles deveriam escolher cores nas revistas e recortar; colocar cola na parte desejada da figura; colocar a ponta do papel com a cor escolhida na revista sobre a figura; pressionar com a ponta do lápis e puxar o papel.</p>
--	---

<i>um jeito diferente, conta história antes de encaminhar, às vezes são coisas muito simples”.</i>	
<p>Box05</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta: O que pode ser considerado como aula criativa no contexto da inclusão?</i></p> <p><i>Resposta: “olha, pra mim ela não diferencia da aula fora deste contexto, com os alunos que são tidos como normais, porque eu acredito numa coisa, se é inclusão ele tá sendo incluído pra ser tratado como normal, pra ter seu potencial que às vezes pode ser menor que dos outros, mas pra tê-lo desenvolvido como um todo, então eu não coloco assim, uma aula diferente pra os que são da inclusão, uma aula, outra aula pra os que são tidos como normais, eles desenvolvem as mesmas atividades, só que cada um dentro daquilo que eles conseguem”.</i></p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto: Em alguns momentos a professora interrompeu a aula para falar com o aluno Caio, na intenção de pedir-lhe silêncio. Trata-se de um aluno com necessidade educacional especial, diagnosticado com TDAH.</i></p>

Quadro 03: narrativas relativas a avaliação da professora em relação à caracterização da aula criativa

Box 04

No box 04, ao referir-se a uma aula criativa, a professora apresenta como sendo uma aula alegre que apresenta novidades e métodos diferentes ou seja, a produção de algo que o professor realize de forma interessante que desperte a curiosidade do educando. Martinez (2001) salienta que a criatividade se expressa na condição de alguma novidade que o individuo realiza. O pensamento da professora apresenta similaridade com o pensamento da autora, uma vez que apontam para produção de novidades, de algo diferente que consiga envolver o aluno.

Desse modo, para cumprir os objetivos de uma aula criativa o professor pode se apropriar de diversos recursos pedagógicos, uma vez que isso poderá facilitar e impulsionar o expressar criativo do aluno. Nota-se, a partir do extrato de observação exposto, que a educadora utilizou recursos didáticos diversos, a fim de proporcionar um contexto diferenciado de aprendizagem. A este aspecto Mitjás Martínez (2006) enfatiza o compromisso do professor com seu trabalho, que para atingir resultados positivos é fundamental que tenha “orientação muito ativa para a superação profissional” (p. 76). Aqui o educador é desafiado a superar as possíveis dificuldades apresentadas no processo de ensino aprendizagem utilizando os recursos que estejam ao se alcance.

Ao analisar os dados é possível perceber que a ação pedagógica da professora corrobora com o que propõem Mitjás Martínez e Alencar (1998) sobre a criatividade, as quais discorrem sobre a produção de novidades nas atividades realizadas pelo professor. Estas

autoras salientam que a expressão da criatividade no âmbito educacional está ligada ao nível de criatividade dos profissionais que estão exercendo práticas docentes. Considerando ainda os dados apresentados na entrevista e nos fragmentos de observação, verifica-se que para a professora uma aula criativa está ligada a tudo que a pessoa faz de diferente dos padrões tradicionais, em que é muito valorizada a aprendizagem memorística. Segundo a narrativa colhida através da entrevista, para empregar ações criativas é necessário identificar opções que favoreçam estas ações, rompendo com os processos tradicionais de ensinar e aprender e dando uma nova roupagem a prática docente (VEIGA; RESENDE E FONSECA, 2002).

Outro aspecto a ser mencionado é que para a professora a criatividade também pode ser expressa em algo simples, como contar uma história, ler e escrever. Mitjans Martinez (2006) pontua que a criatividade nos processos de aprendizagem ocorre quando há uma transformação personalizada dos conteúdos que precisam ser aprendidos, ou seja, o aluno é capaz de compreender e de colocar em prática o que está estudando. Durante a ministração da aula a professora leu uma história para a turma, ratificando seu pensamento sobre a expressão da criatividade em algo aparentemente simples.

Box 05

De acordo com os dados observados na entrevista e nos extratos de observação de campo presentes no box 05, a educadora demonstra não haver diferença de uma aula criativa no contexto inclusivo para uma aula criativa fora desse contexto. A professora afirma que a aula criativa deve ser igual em qualquer que seja o ambiente. Abreu e Masetto (1990) salientam que a maneira como o professor realiza seu trabalho em sala de aula é justificada por uma determinada compreensão do papel de educador por ele internalizada. Com base nos dados colhidos, ficou demonstrado que ela procura atender a todos os alunos, considerando as suas particularidades.

Para a professora, se o aluno está incluído deverá ser tratado como um ser único e ter estimulado o seu potencial, a fim de que possa se desenvolver e aprender assim como os seus pares. Entretanto, salienta que ele deve desenvolver as mesmas atividades dos demais. Sartoretto (2009), contradizendo esse aspecto, salienta que a escola deve ter uma pedagogia que atenda a todos os alunos e que entenda a diversidade humana como propiciadora das novas formas de planejar o ensino. Para a autora, o ensino deve ser direcionado para atender a necessidade do aluno. Isso implica dizer que o tipo de estratégia, método ou instrumento utilizado deve atender às necessidades educacionais individuais.

Para Brasil (2008), a educação inclusiva está apoiada “na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola” (p. 1). O sentido de equidade é tratar de forma desigual os desiguais para alcançar a igualdade. Na prática, os alunos incluídos poderão precisar de mais apoio para se desenvolver, sendo fundamental que o professor lance mão de recursos que estimulem a sua aprendizagem.

Mitjáns Martinez (2000) considera que uma aula criativa no contexto inclusivo é aquela que permite que um aluno com necessidades especiais consiga se desenvolver nas salas de ensino regular e que alcance os mesmos objetivos educacionais estabelecidos para todos. Considerando os extratos de observação deste box, verifica-se que os alunos incluídos alcançaram os objetivos propostos nesta atividade, pois conseguiram desenvolver a mesma atividade assim como seus pares. Na narrativa aqui selecionada, a professora afirma que “cada um desenvolve dentro daquilo que ele consegue”. Sartoretto (2009) salienta a necessidade de se respeitar as diferenças e explica que cada aluno tem uma maneira própria e adequada às suas possibilidades.

4.3 Narrativas relativas às condições que favorecem a criatividade na escola

<p>Box 06</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta: Você acredita que a criatividade pode ser estimulada?</i></p> <p><i>Resposta: “pode, com certeza. Um as pessoas já nascem com essa questão criativa mais a florada, outras a gente vai fazendo formas e é claro que ela pode ser estimulada sim”.</i></p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto: A interação entre eles (professor e aluno) foi muito positiva. Ao concluir a leitura do texto uma das alunas levantou-se, foi até a professora e pediu para contar uma história. Polyana contou a história de Maria (personagem bíblica), salientando como foi o seu encontro com o anjo e a conversa que tiveram quando ela foi escolhida para ser a mãe de Jesus. Em seguida, a professora parabenizou Polyana pela apresentação e informou que eles não teriam aula na semana seguinte.</i></p>
<p>Box 07</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta: Nas suas aulas, a criança incluída tem a liberdade para escolher a tarefa que quer realizar?</i></p> <p><i>Resposta: “não é, não é, eu não entendo inclusão exatamente nisso, na criança vim pra cá e querer fazer o que ela quer, pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas, então pra mim a criança tem as atividades que são propostas, e são</i></p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto: Durante a realização da atividade a professora movimentou-se em todas as mesas. Neste ínterim, uma aluna havia se levantado do seu lugar e foi orientada a voltar e se sentar. A professora disponibilizou uma única atividade para todos, não houve outras possibilidades de atividades para escolher.</i></p>

<i>propostas pra todos”.</i>	
<p>Box 08</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> Que sugestões você daria aos outros professores para estimular a criatividade do aluno no contexto da escola inclusiva?</p> <p><i>Resposta:</i> “<i>primeiro o professor tem que gostar, por que criatividade quer queira, quer não tá muito ligada à questão da arte, então, nos professores não somos diferentes, tem professor que é muito bom em matemática, tem outros que é muito bom em português, então o professor pra começar tem que gostar. Gostar e ser, ou ter desenvolvido isso ao longo da história, então eu acredito que o primeiro passo é gostar, como é que você vai contar história se você não gosta de história, então é gostar mesmo e tá buscando, além daquilo que nos foi dado na formação que nos temos, está buscando, inovando, buscando novas técnicas”.</i></p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> A atividade de pintura foi previamente orientada pela professora. A professora pediu para o aluno Paulo (nome fictício) ajudar a distribuir as figuras enquanto a aluna Adriana (nome fictício) ajudou a distribuir as revistas.</p>

Quadro 04: narrativas relativas às condições que favorecem a criatividade no contexto da escola inclusiva.

Box 06

Tanto nos fragmentos da entrevista quanto nos extratos de observação registrados no box 06 é possível perceber concordância entre a fala e postura da educadora em sala de aula especialmente no que se refere ao conceito de criatividade. Verifica-se que ela percebe que a criatividade pode ser estimulada, o que pode ser demonstrado através dos fragmentos abaixo: “*pode, com certeza. Um as pessoas já nascem com essa questão criativa mais a florada, outras a gente vai fazendo formas e é claro que ela pode ser estimulada sim*”(p. 67). Este pensamento vem ratificar o pensamento de Mitjans Martinez (2006), que a criatividade pode ser estimulada. Segunda a autora, na medida em que professor e aluno se relacionam surgem novas idéias e novos significados, possibilitando novas aprendizagens.

Nos Referenciais para Formação de Professores (BRASIL, 1999), e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), apontam os professores como profissionais cuja atividade influencia de forma determinante e marcante na formação da subjetividade dos educandos como pessoas e como cidadãos. Observa-se que a forma como a professora conduziu a aula (deixando o aluno livre para se expressar, usar sua imaginação e os recursos disponíveis) foi favorável para que a os processos criativos fossem estimulados.

Nos extratos de observação, é possível perceber que a interação entre a professora e os alunos acontece de forma positiva, especialmente no que diz respeito ao estímulo do potencial criativo. Segundo Gadotti (1999), a postura do professor em sala de aula pode determinar o

modo como a aprendizagem será dinamizada. Nota-se que na medida em que professor e aluno se relacionam surgem novas idéias e novos significados, dando origem a novos hábitos e novos comportamentos (MITJÁNS MARTINEZ, 2006). Neste sentido, nota-se o quão fundamental é que o professor seja facilitador e mediador no processo de ensino-aprendizagem.

Em outro momento do fragmento de observação, verifica-se que a educadora permite que o aluno se expresse, principalmente quando oportuniza que uma aluna se levante e conte sua história. Como salienta Cagliari (1999), ser mediador é ter a capacidade de se colocar entre o conhecimento e o aluno e nessa interface estabelecer um canal de comunicação entre as duas partes. A postura da professora parece conferir à criança a possibilidade de expressar-se de modo criativo.

Box 07

Diante dos dados apresentados na entrevista e no extrato de observação no box 07, verifica-se que a professora afirma que o aluno incluído desenvolve as mesmas atividades que os outros alunos dentro daquilo que ele consegue, assim, a estratégia pedagógica escolhida parece ser a mesma para todos. A esse respeito, Machado (2009) salienta que “cabe ao professor disponibilizar o melhor do ensino, as mais variadas atividades, e cabe ao aluno a liberdade de escolher a tarefa que lhe interessa” (p. 70). Para a autora, quando se trata de uma escola inclusiva as atividades podem ser variadas, tendo como objetivo alcançar o desenvolvimento do aluno e de todos. Além disso, enfatiza que o professor deve agir como “aquele que considera as diferenças de opiniões, de interesses, de necessidades, de ideais e de escolhas” (p. 70). Parece não haver essa possibilidade na narrativa da professora, o que pode ser demonstrado através do fragmento a seguir: *“pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas, então pra mim a criança tem as atividades que são propostas, e são propostas pra todos”* (p. 68).

As informações acima levantadas parecem demonstrar que o conceito de inclusão para a professora é de que todos devem realizar a mesma atividade e ter o mesmo tratamento. Isso ficou demonstrado tanto na atividade de grupo pinçada no fragmento de observação deste box, quanto no momento em que a professora passou de grupo em grupo orientando a todos. Sartoretto (2009) explica que a escola inclusiva deve oferecer possibilidades para que todos os alunos possam aprender. De acordo com a autora,

A inclusão só é possível lá onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiência aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades (p. 77).

Verifica-se, portanto, que a professora procura dar assistência a todos os alunos, mas estes precisam se encaixar na sua proposta pedagógica. Esse aspecto contradiz aquilo que propõe a inclusão, uma vez que no processo inclusivo deve propiciar meios e oportunidades para que todos possam aprender.

Box 08

Nos registros colhidos nos fragmentos da entrevista e nos extratos de observação registrados no box 08, é possível perceber algumas divergências e algumas semelhanças do pensamento da educadora com o pensamento de alguns teóricos. A educadora enfatiza que a criatividade está ligada a arte e que nem todos os professores manifestam capacidade artística para atuar dessa forma. Contrapondo esse aspecto, Alencar e Fleith (2003) pontuam que a expressão da criatividade não se limita somente às atividades artísticas e musicais, sendo que esta pode estar presente em todas as atividades que o indivíduo realiza.

Em outro momento, a educadora salienta que é necessário gostar do que faz, principalmente quando são atividades relacionadas à natureza artística (justificando que nem todos os profissionais gostam ou não tem habilidade para trabalhar estas disciplinas). Segundo ela, a expressão criativa pode ser desenvolvida a partir de momentos onde o profissional se apropria de recursos da arte e da música como seus auxiliares. Na sua perspectiva, o professor gostar do que faz, é o primeiro passo. Esse pensamento é ratificado por Freire (1992) quando esta afirma que ensinar e aprender são impulsionados pelo desejo e pela paixão, ou seja, o educador tem que gostar daquilo que está fazendo.

As narrativas relativas à entrevista e aos extratos de observação parecem corresponder ao pensamento da professora quanto ao conceito de criatividade (ligado à arte), uma vez que esta desenvolve na sua aula prática atividades de pintura para impulsionar a criatividade do aluno.

Outro aspecto a ser considerado é quando a professora enfatiza a possibilidade do profissional estar buscando a desenvolver a habilidade com a arte (na sua compreensão a criatividade está ligada a arte). Isso é importante porque parece considerar a possibilidade de a criatividade ser estimulada, podendo se desenvolver nos contextos inclusivos.

Nos dados da narrativa é possível perceber como a professora define a aula criativa, conforme a seguir: *“ah, pra mim é uma aula alegre, uma aula com técnicas diferentes, mesmo que seja a questão de ler e escrever, mas você encaminha de um jeito diferente, conta história antes de encaminhar, às vezes são coisas muito simples”*(p. 67). Segundo ela, para que a criatividade seja favorecida, é preciso que se use recursos didáticos como a arte e a música. A docente considera que num contexto inclusivo o aluno incluído deve fazer as mesmas atividades que são estabelecidas para toda a turma. Considera possível que a criatividade seja manifestada nesse contexto, desde que o docente goste de trabalhar com arte, pois considera que esta é impulsionadora da criatividade.

4.4 Narrativas sobre o processo de inclusão escolar.

<p>Box 09</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> O que você pensa sobre a inclusão escolar?</p> <p><i>Resposta:</i> “pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas.”</p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> A atividade foi à mesma para todos. Os alunos incluídos estavam juntos com os demais alunos, não houve separação entre eles.</p> <p>Eles (os alunos) foram envolvidos em um momento de pintura e, para tanto, receberam revistas, pincel para passar a cola e figuras de personagens da bíblia (Jesus, Maria, etc.).</p>
<p>Box 10</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> Como você avalia a sua atuação no contexto da escola inclusiva?</p> <p><i>Resposta:</i> “eu tento ta trabalhando estas crianças que tem este déficit de alguma forma, e, tento ser melhor possível dentro daquilo que me é, que eu tenho como bagagem e a gente vai tentando, conhecer essa criança, conhecer o problema, como é que a gente vai agir em determinados problemas, conversando também com a família, conscientizando a família”</p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> A professora havia orientado os alunos a realizarem uma atividade.</p> <p>O aluno Caio, que havia esquecido do seu documento acabou o encontrando, sendo advertido pela professora com a frase: “acorda Caio” - sic.</p>
<p>Box 11</p> <p>Fragmentos da entrevista</p> <p><i>Pergunta:</i> Como você avalia a aprendizagem dos alunos incluídos?</p> <p><i>Resposta:</i> “depende do problema, nos temos alunos aqui que eles são incluídos, só que a parte pedagógica deles, muito boa, bem melhor do que os outros que não tem nenhum diagnóstico, então depende do problema, se é um déficit de atenção ele vai ser mais lento, tem uns que não rendem, nem mesmo com a questão, intervenção médica”.</p>	<p>Fragmentos da observação</p> <p><i>Contexto:</i> Após ter explicado a atividade em todos os grupos a professora ficou próxima à porta, perto do pesquisador. Relatou que dos três alunos com TDAH, Filipe é o que tem apresentado maior dificuldade no processo de aprendizagem. Afirmou que ele iria progredir de série, mas com recomendação. Referiu que a mãe do aluno não aceita o problema e que quando a família não colabora fica mais difícil o acompanhamento. Segundo ela, o aluno Paulo tem demonstrado “evolução cognitiva” – sic, e o aluno Caio tem “melhorado o comportamento” - sic. Demonstrou acreditar que a medicação tem ajudado na evolução do tratamento dos alunos com TDAH.</p>

Quadro 05: narrativas relativas ao conceito de inclusão.

Box 09

Os registros feitos no box 09 demonstram que no entendimento da professora o aluno incluído deve participar das mesmas atividades propostas para os alunos que não apresentam nenhum tipo de necessidade educacional especial. A esse respeito, Sartoretto (2009) salienta que a educação inclusiva “busca construir no coletivo uma pedagogia que atenda todos os alunos e que compreenda a diversidade humana como um fator impulsionador de novas formas de organizar o ensino e compreender como se constroem as aprendizagens” (p. 78). Com base nos dados colhidos, observa-se que a ação da professora diverge daquilo que propõe a autora. Embora a ação pedagógica vise à inclusão de todos os alunos é possível que não atenda às necessidades individuais apresentadas por cada aluno, uma vez que cada um é único no ambiente escolar. Confirmando essa percepção, nota-se que a professora afirma que as aulas são planejadas e padronizadas para o desenvolvimento de todos.

Ao contrastar os dados colhidos na entrevista com aqueles identificados nos extratos de observação durante o processo de construção de uma atividade do grupo, verifica-se que a professora disponibiliza os mesmos recursos e atividades para todos os alunos, isso confirma o que foi observado por meio de sua narrativa. Para Sartoretto (2009), o professor deve empregar práticas pedagógicas que permitam as pessoas com deficiência aprender de acordo sua capacidade e ritmo. A autora salienta que não é suficiente estar junto com seus pares, mas, é necessário possibilitar que a aprendizagem aconteça. Isso significa dizer que, ao identificar a dificuldade dos alunos em realizar a atividade, além de atuar de modo a mediar possíveis contratempos, espera-se que o professor também sugira alternativas que minimizem as dificuldades individuais apresentadas.

Avaliando por outro aspecto, Mitjás Martínez (2006) salienta que é fundamental que o professor possibilite o desenvolvimento da capacidade criativa do aluno. Isso pode significar a utilização de recursos diversificados para atingir os objetivos de uma aula criativa e possibilitar que o aluno incluído também participe. Nesse sentido, nota-se que a professora tentou utilizar as mesmas estratégias e recursos didáticos para todos os alunos, o que pode não ter sido tão positivo, dada a diversidade apresentada pela turma.

No caso da turma pesquisada, alguns dos alunos são diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, não tendo sido possível identificar qualquer dificuldade apresentada por eles, em razão do tipo de instrumento utilizado. Entretanto, pode-se dizer que em alguns casos a necessidade educacional especial apresentada pode convocar o uso de estratégias diferenciadas, a fim de viabilizar a participação e o desenvolvimento do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto percebido na fala da professora e citado no fragmento do box 09 é quando ela percebe o aluno incluído como uma pessoa diferente dentro de um grupo considerado “ igual”. É importante ressaltar essa questão, uma vez que é direito do aluno com necessidade educacional especial freqüentar a escola e participar ativamente de todas as atividades no contexto escolar, conforme preconiza a Constituição Federal (1988). Nela se observa a importância da escola promover a inclusão escolar.

Retomando o que propõe Sartoretto (2009) sobre a inclusão, pode-se dizer que a narrativa e a ação da professora, identificados através do box 09, demonstram que o processo de ensino aprendizagem neste contexto tem apresentado características muito particulares, conforme a saber: *“pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas”*(p. 68). Diante dessa afirmação, percebe-se, que a professora não está levando em consideração a singularidade de cada aluno, fator preponderante para o processo de inclusão e para o processo de ensino aprendizagem, conforme explicitado pela autora citada acima.

Box 10

De acordo com os registros apresentados no Box 10 verifica-se que a professora demonstra certa inabilidade ao chamar a atenção do aluno Caio. A frase “acorda Caio”, apesar de convidar o aluno para a atividade, também o expõe ao grupo, o que pode influenciar no modo como ele interage com o grupo. Segundo Gadotti (1999), a postura do professor em sala de aula pode determinar o modo como a aprendizagem será dinamizada e é fundamental que ele esteja atento para o modo como se comunica com seus alunos.

O aluno em questão é diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH. Trata-se de um transtorno em que fundamentalmente a pessoa apresenta inquietude e tem dificuldades de concentração, o que tende a gerar um sofrimento muito intenso, já que ela não é capaz de controlar essa situação sozinha (SILVA, 2009). Naturalmente esse transtorno pode ser minimizado e o aluno pode ter preservadas as suas possibilidades de aprendizagem em sala de aula, desde que seja proposto um tratamento adequado e que a escola se una à família para ajudá-lo. Segundo Machado (2009), a inclusão de alunos com necessidade especial consiste em compreender que todo aluno pode aprender, mas é fundamental que o professor empregue ações que respeite a sua singularidade. Os fatos demonstram que a professora não levou em consideração as particularidades do aluno Caio, expondo o ao grupo. Para Mendes (2009) a inclusão escolar se propõe a respeitar à diversidade cultural e às diversas formas de interação no contexto inclusivo. Para tanto, deve-

se considerar as diferenças individuais, a complexidade das relações humanas e as variadas formas de aprendizagens.

Um aspecto salientado pela professora durante a entrevista foi à necessidade do suporte familiar no processo educativo inclusivo, em busca de ações compartilhadas para superação das dificuldades apresentadas. Santos (2001) salienta a importância de se buscar o apoio fora da escola para que se possa garantir uma educação eficaz, independente de tratar-se de um contexto inclusivo, ou não. Na narrativa citada, verifica-se que esse aspecto é considerado importante para a professora.

Ao referir-se a sua prática docente, a educadora deixou transparecer que se sente limitada diante do desafio diário do contexto inclusivo e salienta a necessidade de formação continuada para desenvolver melhores estratégias nos processos de ensino-aprendizagem. A esse respeito, Mitjans Martinez (2006) enfatiza a importância de ações ativas para a superação profissional, a fim de viabilizar contextos cada vez mais propícios ao desenvolvimento da criatividade.

Na prática, o aspecto citado acima implica no esforço empregado pelo profissional, no sentido de se preparar para o exercício de sua profissão e de buscar, continuamente subsídios para melhor atender às demandas apresentadas. Brasil (1997) salienta que em função dessa demanda as relações entre conhecimento e trabalho exigem, a cada dia, a capacidade de iniciativa e inovação dos profissionais. Para tanto, os educadores precisam estar se aperfeiçoando com cursos direcionados para suas vivências práticas.

Na narrativa apresentada à professora demonstra interesse em conhecer os alunos e suas especificidades, e, parece preocupar-se em desenvolver ações para melhor trabalhar com eles. Ao mesmo tempo, nota-se que a ação docente nos extratos de observação demonstra uma postura inflexível em relação ao esquecimento do aluno. No que se refere a esse aspecto Polity (1988) chama a atenção para o professor ouvir seus alunos com paciência e ser amoroso nas suas relações. Assim, propiciará um ambiente psicológico favorável a aprendizagem.

Box 11

De acordo com os fragmentos da entrevista e dos extratos de observação no box 11, verifica-se que para a professora o desenvolvimento do aluno incluído varia de acordo com sua necessidade especial apresentada. A docente afirma que a depender das limitações apresentadas haverá um ritmo e uma “capacidade” que é própria do aluno e de sua condição.

Mantoan (2003) salienta que a inclusão é a possibilidade de entender e reconhecer o outro. Isso significa caminhar juntos e respeitar as diferenças.

Com base nas questões expostas acima, pode-se dizer que uma atuação facilitadora no processo de ensino aprendizagem no contexto da escola inclusiva depende não só do educador, mas de todo o contexto. Nessa direção, Santos (2001) considera fundamental o apoio extraclasse para o processo de inclusão, tendo em vista que poderá proporcionar mais estratégias de enfrentamento e conseqüentemente maiores possibilidades de incluir. Nesse aspecto, salienta que o trabalho precisa acontecer em rede, o que incluirá a família.

Na narrativa extraída neste box, a professora demonstra compreender que o fato de o aluno apresentar algum tipo de necessidade educacional especial não significa necessariamente que terá dificuldade para aprender. Segundo ela, pode acontecer de o aproveitamento dele ser muito significativo e, quem sabe, até superior ao dos outros colegas. A esse respeito, Figueiredo (2009) enfatiza que a escola inclusiva “deve ter como princípio básico desenvolver uma pedagogia capaz de educar e incluir todos aqueles com necessidades educacionais especiais”, (p. 143). Sendo assim, cada necessidade deve ser vista de forma particular no contexto da inclusão, especialmente na promoção de novidades que possam potencializar a aprendizagem do aluno incluído e de seus pares. Para Brasil (2008) uma escola inclusiva “constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis” (p. 1).

Outro aspecto importante salientado pela professora durante a entrevista diz respeito à necessidade de se perceber a potencialidade dos alunos que chegam à escola e que apresentam algum tipo de necessidade educacional especial. De acordo com a professora, uns conseguem se desenvolver bem, já outros mesmo com o acompanhamento de um médico demonstram dificuldade no seu desenvolvimento. Aqui, é possível perceber que a deficiência não pode ser tratada somente pela percepção clínica, com o uso de medicamentos, mas também pela percepção social, quando esta evoca o apoio da família e de todo o contexto em que está inserido o indivíduo, para corroborarem na superação de suas dificuldades. Para isto, é necessário considerar além do contexto, as particularidades de cada aluno. Isto vem ratificar o que preconiza a Declaração de Salamanca (1994), que sejam implementadas políticas educacionais que atendam as singularidades, e assim promovam a inclusão escolar.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a investigar e refletir sobre o conceito de criatividade no contexto da escola inclusiva, enfatizando o papel do professor como mediador e facilitador deste processo. Fundamentou-se na abordagem qualitativa, tendo como instrumento principal o uso de entrevista semi-estruturada, objetivando-se investigar o significado de criatividade para o professor, no contexto da inclusão escolar.

O objetivo aqui não foi caracterizar como certo ou errado o conceito de criatividade da professora. Assim, na intenção de efetivar o que aqui foi proposto, as respostas relativas à entrevista foram analisadas juntamente com extratos colhidos na sessão de observação, procurando-se evidenciar tanto na fala da docente quanto na sua ação pedagógica o conceito de criatividade e sua função no contexto inclusivo, considerando a interação professor-aluno neste processo como elemento propiciador de um fazer pedagógico que favoreça o seu desenvolvimento e aprendizagem.

A partir das informações levantadas no estudo, notou-se que o conceito de criatividade, para a professora, está relacionado à produção de algo de forma diferente, ou seja, produção de novidades intermediadas pela expressão artística, a qual tem relação com o desenvolvimento de atividades capazes de estimular no aluno a sua capacidade para criar. Além disso, foi possível identificar que o professor é visto como sujeito ativo, co-responsável pelo desenvolvimento e aprendizagem do aluno e que pode estimular ações criativas a partir de sua prática docente.

Outro aspecto identificado após a análise dos dados diz respeito à relação estabelecida entre professor e aluno como sendo fundamental para que o processo criativo se desenvolva e para que haja maior possibilidade de incluir o aluno com necessidade educacional no processo de interação e aprendizagem junto com outros alunos. Foi possível perceber, ainda, que esta missão requerer do profissional além de criatividade para inovar nas práticas de ensino, preocupação com a formação continuada, a fim de melhor acompanhar o processo de desenvolvimento dos alunos.

Uma das limitações aqui identificadas refere-se ao curto período no qual o estudo foi realizado. Além disso, considera-se que a realização desse tipo de pesquisa com mais participantes poderia apresentar dados mais significativos. Entretanto, espera-se que os aspectos aqui discutidos sirvam de estímulo para investigações futuras e contribuam para fomentar práticas pedagógicas criativas, que estejam preocupadas com o desenvolvimento do aluno, e com novos olhares para o estudo da criatividade no contexto da inclusão.

VI - REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O Professor Universitário em Aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- ALENCAR, E. M. L. S.; MARTINEZ, A. M. **Barreiras à Expressão da Criatividade entre Profissionais Brasileiros, Cubanos e Portugueses**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, p. 23-32, 1998.
- ALENCAR, E. **Criatividade e a Educação do Superdotado**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: EdUnB, 2003.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares - estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Parecer 17, aprovado em 03/07/2001. Brasília, 2001.
- BRASIL. **Resolução nº2 de 11 de setembro de 2001**. Lei de Diretrizes e Base da Educação-LDB. Legislação Educação Especial.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, Brasília, 2008.
- CAGLIARI, G. M.; CAGLIARI, L. C. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.
- CASTRO, J. S. R. **Criatividade Escolar: relação entre tempo de experiência docente e tipo de escola**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Brasília. Brasília, 2007.
- CROPLEY, A. J. Fostering creativity in the classroom: General principles. In: M. A. RUNCO (Org.), **The Creativity Research Handbook**. Creskill: Hampton Press, 1997, p. 83-114.
- CROPLEY, A. J. **Creativity: a social approach**. *Roeper Review*, 28, p. 125-131, 2006.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução à disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. ; LINCOLN, Y. S. *et al.* **O Panejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman e Artmed, 2006.

FIGUEIREDO, R. V. A Formação de Professores para a Inclusão dos Alunos no Espaço Pedagógico para Diversidade. In: MARIA, T. E. M. (Org). **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 141-142.

FREIRE, M. O Sentido da Aprendizagem. In: GROSSI, E. P.; BORDIU, J. **Paixão de aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992, p. 11-13.

FREIRE P. **Conscientização, Teoria e Prática da Libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GOMES, L. V. N. **Criatividade: projeto, desenho, produto**. Santa Maria, RS: sCHDs Editora Ltda., 2001.

GONZALEZ REY L. F. **La Categoría de sentido subjetivo y su Significación en la Construcción del Pensamiento Psicológico**. Contrapontos – Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, ano 1, n. 2, out. 2001.

GONZALEZ REY, L. F. El aprendizaje en el enfoque histórico-cultural: sentido y aprendizaje. In: ARANTES, E. F; CHAVES, S. M. (Org). **Concepções e Práticas em Formação de Professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: Alternativa, 2003, p.75-86.

GONZÁLEZ REY, F. L. **As Representações Sociais como Produção Subjetiva: seu impacto na hipertensão e no câncer**. Psicologia: teoria e prática. São Paulo, v.8 n.2, dez. 2006.

GUIMARÃES, P. P. **Estudos de Casos de Estudantes Universitários Criativos. Relatório de Pesquisa. Programa de Iniciação Científica**. Universidade de Brasília, 2004.

MACHADO, R. Educação Inclusiva: revisar e refazer a cultura escolar. In: MARIA, T. E. M. (Org). **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 69-75.

MADEIRA-COELHO, Cristina M. **Concepções Sobre o Processo de Inclusão: a expressão de seus atores**. Revista Linhas Críticas. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação, n.1, Brasília, DF, dez. 1995, p. 87-104.

MAGALHÃES, R. C. B. P. Educação Especial: uma perspectiva inclusiva. In: MAGALHÃES, R. C. B. P. (Org). **Reflexões Sobre a Diferença: uma introdução à educação especial**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

MARTINEZ, A. M. **Criatividade, Personalidade e Educação**. Campinas: Papirus, 1997.

MARTINEZ, A. M. Pensar, crear y transformar: Desafíos para la Educación. In: I Simpósio Multidisciplinar - **Pensar Criar e Transformar**. São Paulo, Unimarco Editora, v.1. p.15-26, 2000.

MARTINEZ, A. M. La interrelación entre investigación psicológica y práctica educativa: un análisis crítico a partir del campo de la creatividad. In: DEL PRETTE, Z. (Org.). **Psicología Escolar/Educacional, Saúde e Qualidade Devida: explorando fronteiras**. Campinas: Átomo, 2001.

MARTINEZ, A. M. **Criatividade, Personalidade e Educação**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARTINEZ, A. M. Criatividade no Trabalho Pedagógico e Criatividade na Aprendizagem - Uma relação necessária? In: TACCA, M. C. V. R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. AlíneaEd: São Paulo, 2006.

MENDES, E. G. **A Radicalização do Debate Sobre Inclusão Escolar no Brasil**. Revista Brasileira Educação. Rio de Janeiro, v.11, n.33, set./dez. 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003

POLITY, E. **Ensinando a Ensinar**. São Paulo: Lemos, 1988.

SANTOS, R. P. **Educação Inclusiva**. São Paulo: iEditora, 2001.

SARTORETTO, M. L. Inclusão: da concepção à ação. In: MARIA, T. E. M. (Org). **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 77-82.

SILVA, A. B. B. **Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VEIGA, I. P. A.; RESENDE, L. M. G.; FONSECA, M. Aula universitária e inovação. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 2002, p.161-191.

VIGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIRGOLIM, A. M. R. Criatividade e saúde mental. Um desafio à escola. In: E. M. L. S. Alencar; A. M. R. VIRGOLIM (Orgs.). **Criatividade: expressão e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 43-67.

YELÓS, M. L. N. P. **La Problemática de La Capacitación de Docentes en Ejercicio: una alternativa de solución**. Linhas Críticas, 8, p. 289-307, 2002.

VII – APÊNDICES

APÊNDICE A - Observação de Campo

Ao chegar à escola, o pesquisador foi informado pela coordenadora que já havia sido dado o consentimento para a realização da observação. Esta atividade teve início às 8'15'' e foi na 1ª série do ensino fundamental. A turma participante da pesquisa tem 29 alunos matriculados, dentre os quais três são diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, os quais estão em uso de medicamento (Ritalina).

Ao entrar na sala, a professora estava lendo um texto que descrevia a história da igreja e do natal. Ao lê-lo, utilizava as mãos para gesticular e demonstrar aspectos importantes da história. Ao longo da atividade foram feitos questionamentos aos alunos, na intenção de identificar se eles estavam acompanhando a atividade. A interação entre eles foi muito positiva. Ao concluir a leitura do texto uma das alunas levantou-se, foi até a professora e pediu para contar uma história. Polyana (nome fictício) contou a história de Maria (personagem bíblica), salientando como foi o seu encontro com o anjo e a conversa que tiveram quando ela foi escolhida para ser a mãe de Jesus.

Em seguida, a professora parabenizou Polyana pela apresentação e informou que eles não teriam aula na semana seguinte. O grupo demonstrou alegria diante da informação dada, o que pôde ser verificado através de expressões como: “que bom” - sic... “que legal” - sic). Em alguns momentos a professora interrompeu a aula para falar com o aluno Caio (nome fictício), na intenção de pedir-lhe silêncio. Trata-se de um aluno com necessidade educacional especial, diagnosticado com TDAH.

A atividade seguinte foi previamente orientada pela professora. Eles foram envolvidos em um momento de pintura e, para tanto, receberam revistas, pincel para passar a cola e figuras de personagens da bíblia (Jesus, Maria, etc). A professora pediu para o aluno Paulo (nome fictício) ajudar a distribuir as figuras enquanto a aluna Adriana (nome fictício) ajudou a distribuir as revistas. Durante o processo, procurou explicar que eles deveriam escolher cores nas revistas e recortar; colocar cola na parte desejada da figura; colocar a ponta do papel com a cor escolhida na revista sobre a figura; pressionar com a ponta do lápis e puxar o papel. Explicou que cada aluno deveria usar a imaginação para pintar. Explicitou que cada um era livre para escolher a cor que desejasse.

Em seguida, perguntou se todos haviam recebido os pincéis. Orientou-os quanto ao modo como esses materiais deveriam ficar sobre a mesa e a forma como deveriam ser

utilizados. Uma música foi colocada ao fundo (em volume baixo e em um ritmo suave). Durante a realização da atividade a professora movimentou-se em todas as mesas. Os alunos estavam divididos em grupos para realização da atividade. Neste ínterim, uma aluna havia se levantado do seu lugar e foi orientada a voltar e se sentar.

Uma outra professora veio buscar os bilhetes que os alunos levaram para suas casas e que deveriam ter sido assinados por seus pais. O aluno Caio, que havia esquecido do seu documento acabou o encontrando, sendo advertido pela professora com a frase: “acordar Caio” - sic. Em seguida, parou para advertir o aluno Filipe (nome fictício) que também tem diagnóstico de TDAH (e que estava conversando). Esse fato se repetiu logo depois. Algumas alunas se levantaram e queriam que a professora explicasse novamente, vez que não haviam compreendido a explicação. A professora se opôs a repetir a explicação, salientando que só falaria para quem ainda não havia explicado.

Ao concluir a explicação em todos os grupos, passou a tirar as dúvidas. Foi interrompida por uma professora que veio até a porta da sala, observou, chamou e conversaram por algum tempo fora da sala. O aluno Filipe começou a conversar e novamente foi repreendido. Filipe conversou novamente e o fato se repetiu. A repreensão era caracterizada pela narração de seu nome, o que parecia demonstrar a Filipe que ele deveria fazer silêncio.

Os alunos Caio e Paulo (também diagnosticados com TDAH) recortaram pedaços pequenos de papel e colaram na figura. Ao ver o fato, a professora afirmou que eles estavam “pulando regra” e pediu que eles voltassem a fazer como ela havia ensinado. O aluno Filipe também utilizou a estratégia dos colegas e a professora disse-lhe: “Filipe, Sempre problema. Cortando com a mão” - sic. Logo em seguida a professora foi informada por um colaborador da escola sobre o horário de uma palestra que os alunos teriam naquele dia, no pátio.

Após ter explicado a atividade em todos os grupos a professora ficou próxima à porta, perto do pesquisador. Relatou que dos três alunos com TDAH, Filipe é o que tem apresentado maior dificuldade no processo de aprendizagem. Afirmou que ele iria progredir de série, mas com recomendação. Referiu que a mãe do aluno não aceita o problema e que quando a família não colabora fica mais difícil o acompanhamento. Segundo ela, o aluno Paulo tem demonstrado “evolução cognitiva” – sic, e o aluno Caio tem “melhorado o comportamento” - sic. Demonstrou acreditar que a medicação tem ajudado na evolução do tratamento dos alunos com TDAH. Após os comentários que a professora fez em relação aos alunos a pesquisa foi encerrada. O encerramento ocorreu às 10’15”, com duração aproximada de duas horas. A observação ocorreu uma única vez, no dia 26/11/2010.

APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista com a Professora Regente

1. Há quanto tempo à senhora é professora?
2. Qual é sua área de formação?
3. Há quanto tempo trabalha nessa escola?
4. O que você pensa sobre a inclusão escolar?
5. Quais são as suas experiências em relação à inclusão?
6. Como você avalia a sua atuação no contexto da escola inclusiva?
7. Você considera que seu trabalho tem alcançado êxito?
8. Como é a relação dos alunos incluídos com os demais alunos?
9. Como você avalia a aprendizagem dos alunos incluídos?
10. Dos vários alunos que tem déficit de atenção, tem uns que sobressai mais?
11. Você acha possível estimular a criatividade desses alunos?
12. O que pode ser considerado como criatividade no contexto da inclusão?
13. Que papel a aprendizagem criativa tem para o desenvolvimento do aluno?
14. Você considera que suas aulas sejam criativas?
15. Quais critérios definem uma aula criativa?
16. O que pode ser considerado como aula criativa no contexto da inclusão?
17. Você acredita que a criatividade pode ser estimulada?
18. Nas suas aulas, a criança incluída tem a liberdade para escolher a tarefa que quer realizar?
19. Você disponibiliza atividades variadas para que o aluno incluído escolha o que lhe interessa?
20. Que sugestões você daria aos outros professores para estimular a criatividade do aluno no contexto da escola inclusiva?
21. A senhora tem mais alguma consideração a fazer sobre inclusão e criatividade diante destas que você já respondeu até agora?

APÊNDICE C - Transcrição Literal da Entrevista

Pesquisador: Há quanto tempo a senhora é professora?

Professora: 24 anos, muito tempo né, risos.

Pesquisador: Qual é sua área de formação?

Professora: magistério, fiz história e, pós graduada em psicopedagogia.

Pesquisador: Há quanto tempo trabalha nessa escola?

Professora: hum, 24 anos, desde 87, né.

Pesquisador: O que você pensa sobre a inclusão escolar?

Professora: acredito que ela devia ser repensada na verdade, os critérios pra inclusão devia ser melhor repensados. É uma questão válida, mas acho que ela deveria passar por uma formulação.

Pesquisador: Você tem alguma sugestão?

Professora: não, por que fica parecendo que inclui os meninos, e os que são tidos como normais, vamos colocar assim, eles ficam de lado e, tem menino que eles inclui simplesmente pra ficar, ter uma, uma, como é que é, ah, ah, viver em sociedade, ele tira a vaga de cinco outros meninos e ele só está na sala simplesmente como ouvinte, não faz nada, só como ouvinte pra ter uma relação social e acaba tirando o direito de outros meninos estarem estudando.

Pesquisador: Então você considera que acaba tendo um prejuízo pra outras crianças?

Professora: Sim, por que tudo hoje em dia é pro incluso, reforço fora da escola é pro incluso, o que vem é pro incluso e os alunos que tem um desenvolvimento dentro dos padrões normais eles acabam ficando a mercê do sistema.

Pesquisador: Quais são as suas experiências em relação à inclusão?

Professora: Em sala de aula que tu pergunta?

Pesquisador: Sim, em sala de aula.

Professora: eu só tive e tenho esse ano, tem quatro anos que eu tenho crianças que são incluídas, né. Então a experiência que a gente tem é de quando recebe estas crianças, porque a gente não tem preparo nenhum pra ta recebendo essas crianças.

Pesquisador: Como você avalia a sua atuação no contexto da escola inclusiva?

Professora: acredito que, tento né, eu tento ta trabalhando estas crianças que tem este déficit de alguma forma, e, tento ser melhor possível dentro daquilo que me é, que eu tenho como bagagem e a gente vai tentando, conhecer essa criança, conhecer o problema, como é que a

gente vai agir em determinados problemas, conversando também com a família, conscientizando a família, mais essas questões.

Pesquisador: Você considera que seu trabalho tem alcançado êxito?

Professora: talvez não 100% de êxito, mas acredito que um êxito sim, por que alcançar êxito com essas crianças e com outras crianças sem nenhum problema não depende só de mim, né, é todo um sistema, é a escola, a família, é a sociedade como um todo, mas naquilo que é de competência pedagógica a gente faz o possível, e eu acredito que tem obtido êxito sim, principalmente quando a família aceita o problema, encara o problema e junta com a gente pra ta resolvendo.

Pesquisador: Como é a relação dos alunos incluídos com os demais alunos?

Professora: normal, assim, é claro que dentro da deficiência ele pode ser mais ou menos agressivo, pode ser desatendo além do que é normal, mas é uma relação dentro daquilo que ele traz com ele, acho que normal.

Pesquisador: Como você avalia a aprendizagem dos alunos incluídos?

Professora: depende do problema, nos temos alunos aqui que eles são incluídos, só que a parte pedagógica deles, muito boa, bem melhor do que os outros que não tem nenhum diagnóstico, então depende do problema, se é um déficit de atenção ele vai ser mais lento, tem uns que não rendem, nem mesmo com a questão, intervenção médica, então.

Pesquisador: Dos vários alunos que tem déficit de atenção, tem uns que sobressai mais?

Professora: olha, eu tenho três TDAH, que já tomam e são medicados, tomam remédios. Desses três, um, ele rendeu muito pouco, outro deslanchou, assim sem nenhum problema, mas às vezes mesmo com o diagnóstico. E esse que não rendeu é exatamente o que a família que não aceita o problema.

Pesquisador: Você acha possível estimular a criatividade desses alunos?

Professora: ah, acredito que sim, é até mais fácil, acho que é até um gancho, eles tem uma certa facilidade pra isso, eu acredito que é possível sim, é claro que uns precisam de mais incentivo, fazem as coisas de acordo com as deficiências que eles trazem, mas é tranquilo isso.

Pesquisador: O que pode ser considerado como criatividade no contexto da inclusão?

Professora: pode ser considerado criatividade? Tudo que a partir de um trabalho que você, que a gente propõe que ele vai realizando esse trabalho e vai realizando de forma criativa, enfim, de forma diferente usando todos os recursos de pintura, o que ele tiver em mãos ele vai executando essa atividade.

Pesquisador: Que papel a aprendizagem criativa tem para o desenvolvimento do aluno?

Professora: bom, na área de artes por exemplo, a impressão que dá, é que eles ficam mais centrados, acho que isso é o principal, eles ficam centrados. E como não é, por exemplo, pra escrever uma palavra, ela tem uma fórmula ortograficamente correta, ele tem que ta tentando alcançar isso, mas quando é em artes não, ele pode achar que uma coisa é difícil de um jeito e ele vai lançar mão de uma outra forma, igual no dia que você observou né, era com a ponta do lápis, eles começaram a rasgar o papelzinho, mas com a intenção de fazer também o trabalho.

Pesquisador: Você considera que suas aulas sejam criativas?

Professora: alguns dias, não é todos os dias não, todos os dias hum, hum, alguns dias sim, a maior parte do tempo são, mas não são aulas criativas de segunda a sexta, tem dias que a gente não rende igualzinho a eles.

Pesquisador: Quais critérios definem uma aula criativa?

Professora: ah, pra mim é uma aula alegre, uma aula com técnicas diferentes, mesmo que seja a questão de ler e escrever, mas você encaminha de um jeito diferente, conta história antes de encaminhar, às vezes são coisas muito simples.

Pesquisador: O que pode ser considerado como aula criativa no contexto da inclusão?

Professora: olha, pra mim ela não diferencia da aula fora deste contexto, com os alunos que são tidos como normais, porque eu acredito numa coisa, se é inclusão ele tá sendo incluído pra ser tratado como normal, pra ter seu potencial que às vezes pode ser menor que dos outros, mas pra tê-lo desenvolvido como um todo, então eu não coloco assim, uma aula diferente pra os que são da inclusão, uma aula, outra aula pra os que são tidos como normais, eles desenvolvem as mesmas atividades, só que cada um dentro daquilo que eles conseguem, então pra mim não tem assim, diferença, que é exatamente isso que eu não compreendo no sistema, é incluir a pessoa e tratar diferente, então você não tá incluindo ninguém, muito pelo contrário, e assim, não é o meu caso esse ano, mas tinha o caso de uma aluna que não escrevia, então tinha a mesma aula só que daí eu tava auxiliando ela com a parte da escrita, mas a aula era a mesma e quando eu faço trabalho em grupo, quando eu divido os grupos pra trabalho de acordo com a psicogênese, então o incluído fica junto com o grupo do mesmo nível que ele se encontra, ele não faz um trabalho, sabe assim, ele é igual, ele tem que ser tratado como igual dentro daquilo que ele pode render pra mim, dentro daquilo que é do potencial dele, dentro daquilo que ele tem capacidade, então, as aulas são iguais.

Pesquisador: Você acredita que a criatividade pode ser estimulada?

Professora: pode, com certeza. Umhas pessoas já nascem com essa questão criativa mais aflorada, outras a gente vai fazendo formas e é claro que ela pode ser estimulada sim.

Pesquisador: Nas suas aulas, a criança incluída tem a liberdade para escolher a tarefa que quer realizar?

Professora: não é, não é, eu não entendo inclusão exatamente nisso, na criança vim pra cá e querer fazer o que ela quer, pra mim inclusão é uma pessoa que é diferente, é colocada num grupo que é tido como igual, dentro daquilo que ela pode, ela desenvolve as mesmas tarefas, então pra mim a criança tem as atividades que são propostas, e são propostas pra todos, quando eu quero fazer um trabalho diferente o que eu faço, eu divido em grupos, por exemplo fica o grupo só dos silábicos, o grupo só dos silábicos alfabéticos, os grupos ortográficos, eles ficam todos em grupos, isso pra mim independe se a pessoa é incluída mas ela tá ortográfica, se a criança, então ela vai ficar no grupo dos ortográficos, por que se ela teve potencial pra chegar nos ortográficos ela pode ter esse mesmo potencial pra tá trabalhando com os ortográficos que não são inclusos. Então não tem essa coisa de escolher atividades, são atividades propostas, algumas atividades não, a gente lança pra turma e fala vocês querem isso ou aquilo, o que nós vamos trabalhar hoje, isso ou essa outra coisa, aí então a gente faz a votação, mas a votação é pra turma, e tanto que os meninos que são inclusos aqui na escola na minha sala, os outros como eles não tem problema físico, os outros nem sabem que eles tem um problema, a gente fala, fala dos que são TDAH e tudo, mas eles mesmos os outros coleguinhas nem sabem que as vezes que toma Ritalina ou que tem outro problema nem sabem disso, como eles não tem a questão física comprometida, eu não, eles são tratados como iguais, não tem assim.

Pesquisador: Você disponibiliza atividades variadas para que o aluno incluído escolha o que lhe interessa?

Professora: é quase a pergunta que você fez antes, né. As atividades, elas já são pré planejadas, então, tem dia que são jogos, tem dia que são atividades diversificadas, então o aluno, ele é tratado do mesmo jeito dos outros, do mesmo jeito que ele pode escolher ou não determinada tarefa, isso é estendido a toda a turma, de poder escolher ou não.

Pesquisador: Que sugestões você daria aos outros professores para estimular a criatividade do aluno no contexto da escola inclusiva?

Professora: primeiro o professor tem que gostar, por que criatividade quer queira, quer não tá muito ligada à questão da arte, então, nos professores não somos diferentes, tem professor que é muito bom em matemática, tem outros que é muito bom em português, então o professor pra começar tem que gostar. Gostar e ser, ou ter desenvolvido isso ao longo da história, então eu acredito que o primeiro passo é gostar, como é que você vai contar história se você não gosta de história, então é gostar mesmo e tá buscando, além daquilo que nos foi dado na formação

que nos temos, está buscando, inovando, buscando novas técnicas, mais nesse sentido, e eu acredito até que a sugestão maior seria da secretaria oferecer cursos pra nós que fossem viáveis, pra gente, por que oferece cursos pra nós de Planaltina lá no EAB, um curso que começa as 14h, eu saio de sala 12:30, vou almoçar, acabo de almoçar 13:30, vamos colocar assim, então 13:30 pra eu tá no plano as 14h, isso é inviável, ou então oferece cursos pra nós assim, só de ler, ler, ler, ler, ler e a gente quer coisas práticas, que nos ajudem assim, eu vou num curso hoje e amanhã eu já estou aplicando isso na minha sala, com aquela criança, então é dado crianças pra gente que eles não explicam nada, tem colega que receberam criança com síndrome, com estas coisas, se a gente quiser que vai buscar, então você acredita que, quando eu falo pra reformular isso é até mesmo pra capacitar o professor pra tá lidando com esta questão e até a sociedade que o aluno é incluído pra ser tratado como igual e a gente aí fala a inclusão inclui os que tem problema e exclui os outros que são tidos assim “como normais” então, e do professor é de gostar mesmo, de criar, estas coisas, que tem professor que não gosta, não gosta, não gosta, é difícil.

Pesquisador: Então você considera que se tivesse cursos de vivências práticas pra estar aplicando, seria mais interessante?

Professora: com certeza, com certeza, e até eu acredito que nos temos, que até pra estar, pra gente estar aprendendo, por que gente, a gente não pode dar diagnóstico por que não somos médicos, nós temos consciência disso, mais é preciso que a gente saiba também como tratar pedagogicamente um problema, como que eu vou lidar com aluno hiperativo? Como que eu vou lidar com aluno com determinada síndrome? Então tem essas questões e que nos, não nos capacita pra isso, pegam a criança colocam aqui e acham que só, que agora tem uns planos que nem reduzem turmas mais, né, e acham que só reduzir turma é o suficiente, ou então colocam os monitores, que algumas crianças tem monitores, só que os monitores são iguais ou piores do que nós, que também não são capacitados a lidar com essas síndromes, com esses problemas e eu não sei se vai acabar, eu não sei como é que está isto a nível de sistema, por que o centro de ensino especial tem assim, um professor pra duas crianças, então que fosse uma lei, não sei como, que a criança só saísse de lá, quando ela já viesse alfabetizada, por que é muito difícil por exemplo a gente alfabetizar um DMu, quer dizer, (Deficiências Múltiplas), numa sala de aula e aí a gente acaba ficando muito tempo com o DMu por que a gente tem que trabalhar a parte pedagógica, por que os monitores também não são capacitados pra isso assim como nós, e os outros, dez, quinze, vinte alunos ficam a mercê, então assim, eu acredito que o sistema devia repensar essa forma de inclusão, incluir todos, sim, não é incluir um grupo que é especial e excluir os outros que não tem esses problemas diagnosticados.

Pesquisador: A senhora tem mais alguma consideração a fazer sobre inclusão e criatividade diante destas que você já respondeu até agora?

Professora: não, assim, a criatividade na nossa escola é muito, por exemplo no Plano Piloto nós temos as escolas parque, então o aluno já tem um local pra fazer música, enfim, e a gente sabe, que quando eu falo que a criatividade parte da arte, (você precisa ter uma música pra desenvolver com música ou teatro ou dança) parte muito dessa questão da expressão corporal, pra você ter essa questão da criatividade mais próxima, mais palpável até, pintura, e nossas escolas, pelo menos a essa escola que eu leciono, ela não é adequada pra isso, pra essas questões, nós não temos uma sala ambiente pra dar uma expressão corporal, nós não temos uma sala ambiente pra estar trabalhando arte, a gente trabalha na sala de aula e tem que ter cuidado pra não manchar, enfim, o ambiente da escola em si, ele, não prioriza essas questões, essas vivências pra gente, então eu acredito que a escola, ela também teria que ser adaptada pra receber, por que, que a criança é incluída e, a escola, a escola também deveria ser incluída sim, sabe, ter um tratamento especial, o governo devia quando mandasse pra nós as crianças adaptar a escola, não só corrimão, essas coisas, por que tudo isso foi feito, mas foi feito com o dinheiro que veio pra escola, o governo simplesmente colocou essas crianças aqui, não nos deram cursos, não nos capacitaram, e a gente é só Deus na causa pra tá lidando com essas crianças que tem algum probleminha, então eu acredito que seria ele a capacitar também a escola, fazendo uma sala ambiente pra que a gente pudesse estar trabalhando estas questões muito melhor do que a gente já vem trabalhando, a gente trabalha, mas é bem capenga né, mas que a gente pudesse estar trabalhando melhor tudo isso.

Pesquisador: Ok, professora, mais alguma outra consideração?

Professora: não, não, não, risos

Pesquisador: Então agradeço a professora Rita (fictício) por esta entrevista, e em nome da UnB como aluno pós graduando. Muito obrigado professora.

Professora: de nada precisando, querendo sofrer com a gente é só vim pra cá

VIII – ANEXOS

ANEXO A - Termo de Autorização da Secretaria de Educação do Distrito Federal



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação



Memorando Nº 495/2010 – EAPE

Brasília, 9 de novembro de 2010.

PARA: DRE Planaltina.

ASSUNTO: Pesquisa

Senhor(a) Diretor(a),

Autorizamos-o(a) Senhor(a).....

de bolsa..... *Robertt Cardoso*....., aluno(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento, Educação e Inclusão Escolar, realizado pela Universidade de Brasília/Instituto de Psicologia, em parceria com o Ministério da Educação/Universidade Aberta do Brasil, a realizar pesquisa com professores/alunos pertencentes as instituições educacionais dessa regional.

Esclarecemos que os pós-graduandos devem estar munidos da carta de apresentação do programa, e devem aplicar os Termos de Consentimento Livre aos participantes em cada projeto, de acordo com o que exige o Comitê de Ética.

Atenciosamente,

João
João Roberto Vieira
Núcleo de Planejamento
Chefe

ANEXO B - Carta de Autorização para a Realização da Pesquisa



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A (o) Diretor(a):

Escola:

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF, além de alunos inscritos em outros pólos, mas que atuam nesta rede. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre temas acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como conseqüência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação por meio do Memorando N° 495/2010 – EAPE.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Robertt Cardoso de Sousa sob orientação de Fernanda Rodrigues da Silva, cujo tema é: **O Conceito de Criatividade para o Professor no Contexto da Escola Inclusiva**, e que possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos e-mails: psirobertt@gmail.com; robertt.ead@gmail.com.

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Assinado pela Professora



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia da UnB, por meio da Universidade Aberta do Brasil / Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre (escrever a que se refere o estudo). Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores que atuam neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa (Relacionar o que será feito. Por exemplo: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das crianças com necessidades educacionais especiais; situações relacionadas à inclusão, etc. Ainda, entrevistas gravadas em áudio com os professores no intuito de). Para isso, solicito sua autorização para sua própria participação e, também, a de seu (sua) filho (a), no estudo que realizaremos.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você e/ou seu (sua) filho (a) poderá (ao) deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar (em) e isto não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu (sua) filho (a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o (a) senhor (a) poderá me contatar pelo telefone (coloque o seu telefone) ou no endereço eletrônico (coloque o seu email). Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar/ UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu (minha) filho (a)
_____ neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____